

UNIVERSIDADE FEDERAL DE UBERLÂNDIA

VINÍCIUS NEIA THOMAZ DA SILVA

ÓPERA DO MALANDRO: de Buarque a Möeller, um estudo do texto à cena

Uberlândia - MG

2024

VINÍCIUS NEIA THOMAZ DA SILVA

ÓPERA DO MALANDRO: de Buarque a Möeller, um estudo do texto à cena

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao curso de Teatro, área Artes, da UNIVERSIDADE FEDERAL DE UBERLÂNDIA, como requisito parcial para a Obtenção do grau de Licenciatura em Teatro.

Orientadora Profa. Dra.: Daniele Pimenta

Uberlândia - MG

2024

Dedico este trabalho ao meu pai, Romildo Thomaz, e à minha mãe, Iva Neia, por sempre me apoiarem na minha trajetória artística, além de terem sido excelentes professores da rede pública de ensino e me mostrarem que um sonho se começa em casa e prossegue com os estudos na escola.

E dedico aos meus irmãos, Murillo, Nicolas e Leonardo, por terem seguido a vida acadêmica e me puxarem e apoiarem até aqui.

O exemplo arrasta.

AGRADECIMENTOS

Agradeço a todos e todas que de alguma forma contribuíram e somaram pontos pra realização deste trabalho:

A Deus pela vida e pela oportunidade de continuar desfrutando do ensino público e fazer dele minhas ferramentas de inserção profissional neste mundo.

À minha orientadora Profa. Dra. Daniele Pimenta, por ser generosa, paciente e conselheira imprescindível durante a minha caminhada.

A todos meus professores, por permitirem a aprendizagem de campos que eu ainda não tinha conhecimento, durante o período que estive no curso de licenciatura em Teatro da Universidade Federal de Uberlândia.

Ao técnico em cenografia do curso de teatro, Edu Silva, pelo companheirismo, pelas trocas e pela oportunidade de pensar e produzir teatro junto.

Obrigado Amanda Bianco, Jorge Mauro (J.Maurin), Luiz André e Valissa, meus queridos companheiros, que compartilham de universos tão diferentes, tão afinados, tão refinados... pelas risadas, pelas trocas e pelos toques.

Obrigado à UFU pelas portas sempre abertas!

Obrigado ao meu avô José Thomaz da Silva (in memoriam), pela simplicidade e pelas histórias fascinantes de um homem que, com sua esposa, criou seis filhos.

Resumo

Este trabalho tem como objetivo analisar diferentes versões de Ópera do Malandro, de Chico Buarque, comparando o texto original de 1978; o filme de 1985, dirigido por Ruy Guerra; e a adaptação teatral de 2003, dirigida por Charles Möeller. O estudo foca em como o texto transita entre diferentes linguagens artísticas, explorando as adaptações estruturais e interpretativas que ocorrem na transposição do teatro para o audiovisual. A metodologia aplicada no trabalho combina análise textual e comparativa, incorporando conceitos de física como estabilidade estrutural e teoria das bifurcações para entender as mudanças entre as versões. Investigando como cada adaptação modifica elementos, como as músicas e a dinâmica entre personagens, para adaptar o conteúdo ao formato escolhido. Esse estudo também busca compreender a flexibilidade da obra e como suas características principais permanecem, apesar das diferenças nas adaptações.

Palavras-chave: Ópera do Malandro; análise teatral; bifurcações; instabilidade.

ABSTRACT

This paper aims to analyze the different versions of the *Ópera do Malandro*, by Chico Buarque, comparing the original text from 1978; the 1985 film, directed by Ruy Guerra; and the 2003 theatrical adaptation, directed by Charles Möeller. The study focuses on how the text transitions between different artistic languages, exploring the structural and interpretative adaptations that occur in the transposition from theater to audiovisual.

The methodology applied in the work combines textual and comparative analysis, incorporating concepts from physics such as structural stability and bifurcation theory to understand the changes between the versions. Investigating how each adaptation modifies elements, such as the music and the dynamics between characters, to adapt the content to the chosen format. This study also seeks to understand the flexibility of the work and how its main characteristics remain, despite the differences in the adaptations.

Keywords: *Ópera do Malandro*; theatrical analysis; bifurcations; instability.

LISTA DE ILUSTRAÇÕES

Figura 1 — Diagrama - Sistemas em estabilidade	49
Figura 2 — Primeiro ponto de bifurcação do filme	50
Figura 3 — Primeiro ponto de Bifurcação da peça	51
Figura 4 — Segunda ponto de bifurcação do filme	51
Figura 5 — Terceiro ponto de bifurcação no filme.....	52
Figura 6 — Quarto ponto de bifurcação do filme.....	52
Figura 7 — Segundo ponto de bifurcação na peça	53
Figura 8 — Terceiro ponto de bifurcação da peça	53
Figura 9 — Quarto ponto de bifurcação do filme.....	54
Figura 10 — Gráfico final estudo onde os parâmetros se repetem em todos os casos	54
Figura 11 — Gráfico geral - Possibilidades de bifurcações.....	55
Figura 12 — Relação de musicas com os casos.....	556

LISTA DE IMAGENS

Imagem 1 — João Alegre - Ator, Nadinho da Ilha.....	19
Imagem 2 — Vitória e Duran - Interpretados por Ary Fontoura e Maria Alice Vergueiro.....	20
Imagem 3 — Teresinha e Max Overseas - Interpretados por Marieta Severo e Otávio Augusto.....	21
Imagem 4 — Max, Geni e Teresinha ao fundo - Interpretados por Otávio Augusto, Marieta Severo e Emiliano Queirós.....	22
Imagem 5 — Casamento - Na imagem, Chaves, Teresinha, Max e outros - Interpretados por Tony Ferreira, Marieta Severo, Otávio Augusto e mais.	23
Imagem 6 — Vitória, Dorinha, Shirley, Mimi, Doris e Duran - Interpretados por Maria Alice Vergueiro, Elza de Andrade, Neuza Borges, Cláudia Jiménez, Uva Nino e Ary Fontoura.....	24
Imagem 7 — Geni, Max e as Funcionárias de Duran no Cabaré - Interpretados por Emiliano Queirós, Otávio Augusto e mais.	25
Imagem 8 — Prisão - Lúcia Max e Teresinha - Interpretados por Elba Ramalho, Otávio Augusto e Marieta Severo.....	26
Imagem 9 — Vitória, Chaves e Duran - Interpretados por Maria Alice Vergueiro, Tony Ferreira e Ary Fontoura.	27
Imagem 10 — Teresinha e Max - Interpretados por Marieta Severo e Otávio Augusto.	28
Imagem 11 — João Alegre ao centro, restante do elenco espalhado pelo palco.....	29
Imagem 12 — João Alegre ao centro elenco ao fundo cantando e dançando.	30
Imagem 13 — Pôster	32
Imagem 14 — Max e Figurantes - Interpretado por Edson Celulari.	33
Imagem 15 — Max e Funcionária de Duran ao fundo - Interpretado por Edson Celulari.....	35
Imagem 16 — Equipe de produção e elenco da peça Ópera do Malandro.....	39
Imagem 17 — Teresinha e Capangas - Interpretada por Soraya Ravenle.....	41
Imagem 18 — Casamento	43
Imagem 19 — Funcionárias de Duran.....	45

SUMÁRIO

1	INTRODUÇÃO	9
2	DE MENDIGOS A MALANDROS	12
2.1	CONTEXTO HISTÓRICO DA ESCRITA DOS TEXTOS DE GAY, BRECHT E BUARQUE.....	12
2.2	CONTEXTOS DO FILME (1985) E DA PEÇA (2003).....	14
3	DO TEATRO AO CAOS: ESTRUTURA, ELEMENTOS E BIFURCAÇÕES 16	
3.1	O TEXTO.....	17
3.2	O FILME	30
3.3	A PEÇA	37
4	EM RELAÇÃO	48
5	CONSIDERAÇÕES FINAIS	57
	REFERÊNCIAS	59
	ANEXO A — Canções dos casos analisados.....	62
6	CANÇÕES PRESENTES NO TEXTO 1978	62
7	CANÇÕES PRESENTES NO FILME DE 1985	71
8	CANÇÕES PRESENTES NA PEÇA DE 2003	77

1 INTRODUÇÃO

No ano de 2021 ingressei no curso de licenciatura em teatro na UFU (Universidade Federal de Uberlândia), durante o início da minha graduação não sabia bem o que pesquisaria e durante a mesma passei por duas diferentes pesquisas de Iniciação Científica, elas foram uma na área de corpo-voz com o professor do curso de teatro Fernando Aleixo, intitulado "Narrativas de Vida: oralidade, arte e educação", e a outra e mais recente foi realizada com o técnico do curso de teatro Edu Silva, intitulada "O acesso em espaços externos e palcos das praças de Uberlândia: levantamento, cadastramento e compartilhamento de uma pesquisa sobre uma possível logística para apresentação à comunidade teatral da cidade".

Mesmo diante de ter passado por dois diferentes campos de pesquisa escolhi para o meu Trabalho de Conclusão de Curso a dramaturgia voltada para o texto teatral com especificidade no teatro musical. visando explorar um cruzamento entre potenciais representações visuais (teatro e texto) e audiovisuais (filme e apresentação teatral gravada) do texto "Ópera do Malandro" de Chico Buarque de Holanda. Meu foco reside na análise das diferentes estruturas, elementos e bifurcações do texto investigado.

O interesse pela pesquisa surgiu ao vivenciar o teatro musical dentro de disciplinas da universidade, por meio de grupos de estudo e contato com pessoas que, assim como eu, são apaixonadas por essa modalidade teatro, para além disso, pude participar de montagens que possuíam características do teatro musical, como a montagem do musical Priscila a Rainha das Trevas em uma disciplina e Piolin. E pelo contato com a criação textual e montagem de espetáculos nos quais pude estudar os textos a fundo e me aproximar dos mesmos.

Para a investigação proposta utilizarei o **texto** Ópera do Malandro de Chico Buarque, o **filme** de Ópera do Malandro de Ruy Guerra (1985) e a **montagem teatral** da mesma com direção de Charles Moëller (2003).

Com o intuito de criar um trabalho de pesquisa significativo para o campo do teatro musical brasileiro, busco verificar se há uma linha condutora a ser seguida em diferentes formas de expressão artística que se baseiam em um mesmo texto, sendo essas formas de expressão artística o teatro e o audiovisual.

A metodologia adotada nesta pesquisa baseia-se inicialmente na leitura do texto *Ópera do Malandro*, e na análise das diferentes versões disponíveis na internet, (Filme e Peça Teatral), complementadas pela revisão de artigos, dissertações e teses, Cury (1999), Bonfitto (2011) e Rewald (2005) que abordem diretamente o objeto e a metodologia da pesquisa. Foram consultados livros e revistas para enriquecer e aprofundar a investigação.

A abordagem metodológica se desdobrou por meio da comparação entre o texto original (1978), filme (1985) e montagem teatral (2003) da "*Ópera do Malandro*", estabelecendo conexões e contrastes significativos. Além disso, foi realizado uma análise dos textos "*Ópera dos Mendigos*" (1728) de John Gay e "*Ópera dos Três Vinténs*" (1928) de Brecht, buscando identificar elementos comuns e distintivos entre essas obras e como elas influenciaram a escrita de Buarque.

Elementos estudados nessa pesquisa foram;

a; **Transposição do texto escrito para o texto falado**, guiados pela pergunta, como a estrutura dramaturgica é adaptada para a expressão verbal? Analisando re-textualizações, relações entre personagens e fronteiras entre o texto escrito e o texto falado e bifurcações acerca do que foi visto.

b; **Números Musicais**, aqui será guiado pela pergunta, as sequências musicais do filme (1985) e da peça (2003) dialogam? Como a transposição semiótica de elementos influencia o público nas diferentes formas estudadas?

A estrutura desse trabalho está organizada da seguinte forma:

1º capítulo - De Mendigos a Malandros

Apresentarei os contextos históricos da escrita das peças: *Ópera dos Mendigos* escrita por John Gay em 1728, *Ópera dos Três Vinténs* escrita por Bertold Brecht em 1927 e a *Ópera do Malandro* escrita por Chico Buarque em 1978. Além de contextualizar sobre o momento em que foi realizado o filme *Ópera do Malandro* de 1985 dirigido por Ruy Guerra e a montagem da peça de mesmo nome de 2003 Dirigido por Charles Möeller.

2º capítulo - Do Teatro ao caos: Estrutura, elementos e bifurcações

Será apresentada uma análise inicial do texto, filme e da peça que serviram para fazer a segunda análise e centro desse trabalho no capítulo 3, essa análise inicial visa apresentar o percurso que seguem os três objetos estudados para posteriormente colocá-los em relação, e verificar as bifurcações dos casos estudados.

3º capítulo - Em relação

Neste capítulo dedico uma atenção especial a Rewald (2005), onde em seu livro/dissertação *Caos/Dramaturgia* o mesmo trabalha uma teoria de bifurcações da física em relação com as artes cênicas, no qual analisa como ruídos e flutuações alteram o percurso e o resultado do produto final.

2 DE MENDIGOS A MALANDROS

Buscando os fragmentos de uma relação que vá além da intertextual, a contextualização histórica-social se faz presente aqui com o intuito de visualizar-se o momento em que viviam os autores e o que pode ter influenciado de forma basilar a escrita das peças.

2.1 CONTEXTO HISTÓRICO DA ESCRITA DOS TEXTOS DE GAY, BRECHT E BUARQUE.

De família rica, o escritor Britânico, John Gay (1685 - 1732), foi um dos maiores poetas satíricos de seu tempo, ficou órfão cedo. Seus textos são predominantemente de espírito burlesco, sendo considerada sua obra-prima a peça Ópera dos Mendigos¹, uma paródia animada do teatro sentimental e da ópera italiana.

Ópera dos Mendigos (The Beggar's Opera), que se passava no submundo da cidade de Londres, a trama da peça é protagonizada por criminosos, prostitutas e policiais corruptos, entre outros. Após a estreia a peça foi reapresentada por mais 62 vezes na mesma temporada, no Lincoln's Inn Fields Theatre.

O que acontece no mesmo ano de (1728) segundo Débora Amorim,

"Era o início do século XVIII e a sociedade inglesa sofria com sérios problemas como desemprego, corrupção e violência. Assim como na ditadura militar no Brasil, a Inglaterra, durante esse período, vivia sob o império da censura. Correspondências eram violadas, pessoas eram demitidas por motivos ideológicos, havia perseguição política e proibição de manifestações culturais." Amorim (2008, Pg. 8)

¹ CAMPOS FILHO, Lindberg. Em 1728 estreou a peça The Beggar's Opera (A Ópera do Mendigo) do inglês John Gay e que logo se tornou famosíssima na Inglaterra. Basicamente se trata de uma sátira endereçada às óperas italianas que iam chegando e cada vez mais tomando conta da cena enquanto mega produções e jogando para escanteio o teatro enquanto atividade quase artesanal. 17 ago. 2018. Disponível em: <https://medium.com/@bergfilho/em-1728-estreu-a-pe%C3%A7a-the-beggars-opera-a-%C3%B3pera-do-mendigo-do-ingl%C3%AAs-john-gay-e-que-logo-se-c403ded0709c>. Acesso em: 19/10/2024.

Por meio dessa afirmação é possível observar o contexto histórico em que Gay vivia e escreveu a peça ainda é visto como tais fatores o influenciaram na escrita de *The Beggar's Opera*.

O texto de Gay de 1728, se configura como uma sátira as Óperas italianas que vinham tomando espaço do teatro enquanto arte.

Em 1920, uma revival da obra de Gay viria quebrar o record de permanência em cena mantido até então pela edição de 1728, provocando uma onda de sucesso em Londres. Para comemorar o bicentenário da estreia da *Beggar's Opera*, o editor Schott Söhne resolve encomendar uma nova versão a Paul Hindemith. Perante o desinteresse deste, o projecto foi proposto a Kurt Weill e Bertold Brecht que suspenderam a sua "Aufstieg und Fall der Stadt Mahagonny" para que nascesse a Ópera dos três Vinténs – *Die Dreigroschenoper*. Paulo Coutinho Duarte Capela Morais (2013).

Quase dois séculos após Gay escrever a Ópera dos Mendigos, na Alemanha o dramaturgo, poeta e encenador escreve a segunda peça de uma sequência que hoje já são três, Bertold Brecht (1898 - 1956), escreveu o primeiro texto de teatro que viria a ser designado como épico² Um Homem é um Homem entre os anos de 1924 e 1926. No ano de 1927 na cidade de Berlim, Alemanha o dramaturgo e diretor Bertolt Brecht juntou-se com compositor Kurt Weill para escrever a segunda versão de três óperas que estão ligadas historicamente a *Die Dreigroschenoper* ou *A Ópera dos Três Vinténs*, versão que tornaria ambas a de Gay e do mesmo conhecida por todo o mundo, no ano de 1928 estreia a peça e se torna a versão mais conhecida no mundo, a versão definitiva do texto só ficou pronta no ano de 1931, até o ano de 1933 quando entrou para a lista de negra dos nazistas.

Cinquenta anos depois de Brecht escrever a Ópera do Três Vinténs, no Brasil Chico Buarque escreve a terceira ópera citada neste trabalho a Ópera do Malandro.

JORNAL DO BRASIL. "Eles são contrabandistas, gigolôs, agiotas, policiais corruptos, prostitutas, contraventores, mães interesseiras, filhas de pouco juízo, empresários de negócios escusos. Já gastaram mais de Cr\$ 1.5 milhão, mas 50 pessoas continuam trabalhando duramente, 12 horas por

²CUNHA, Vasco Soares de Oliveira. Bertolt Brecht (1898–1956): Vida e Obra. *Millenium*, n. 45, p. 169-179, junho/dezembro, 2013.

dia, para que esta galeria de anti-heróis ganhe vida na Ópera do Malandro, de Chico Buarque de Holanda, texto baseado na Ópera do Mendigo, de John Gay e na Ópera dos Três Vinténs de Bertolt Brecht, que estréia na próxima quinta-feira no teatro Ginástico. O espetáculo revive as tensões sociais e as ambições de grupos econômicos no final do Estado Novo, propondo a discussão sobre o poder do dinheiro no interior de uma sociedade pré-capitalista que se prepara para receber o impacto da ação das multinacionais. A produção é ambiciosa e contém um grande desafio, pois a censura já vetou um primeiro tratamento. Mas confiante em que tudo sairá bem, o núcleo básico composto de Chico, o autor, Luís Antônio Martinez Correa, o diretor, Marieta Severo, Carlos Gregório..." *Jornal do Brasil*, Rio de Janeiro, 16 jul. 1978. Caderno B, p. 70.

Francisco Buarque de Hollanda, chega no panorama teatral por volta de 1965, enquanto ainda fazia faculdade de arquitetura, onde assina a música do espetáculo *Morte e Vida Severina*³, em 1968 estréia como dramaturgo com o espetáculo *Roda Viva roda viva*⁴, no ano de 1978 Chico Buarque escreve *Ópera do Malandro* (baseado nos textos de Gay e Brecht), que se passa no Rio de Janeiro, nos anos de 1940.

Escrita em meio a ditadura militar nota-se que Buarque utiliza as mais diversas formas de falar do momento em que se passava sem que isso fique evidente para a censura militar, além de retratar políticas trabalhistas, corrupção e injustiças sociais.

No decorrer de um período político instável no Brasil a primeira montagem da peça foi dirigida por Luís Antônio Martinez Corrêa, o texto conversa diretamente com os outros 2 anteriormente citados e permeia nesse caso o submundo carioca nos anos de 1940, mostrando os mais diversos modos de burlar a lei que se tinha na época.

2.2 CONTEXTOS DO FILME (1985) E DA PEÇA (2003)

O filme derivado da peça de Chico Buarque chegou aos cinemas no ano de 1985, com direção e roteiro de Ruy Guerra, onde no primeiro dia de filmagem disse

³Morte Vida Severina, de João Cabral de Melo Neto, na montagem do Teatro da Universidade Católica - TUCA.

⁴RODA Viva. In: ENCICLOPÉDIA Itaú Cultural de Arte e Cultura Brasileira. São Paulo: Itaú Cultural, 2024. Disponível em: <http://enciclopedia.itaucultural.org.br/evento405843/roda-viva>. Acesso em: 19 de outubro de 2024. Verbete da Enciclopédia.

o diretor “Um filme que não quer ter bom caráter” é o que nos mostra a página 38 do **Jornal do Brasil** de 19 de agosto de 1985, Chico Buarque além de trabalhar ao lado de Ruy Guerra e de Orlando Senna, compôs 8 novas músicas para o filme.

Buarque fala a respeito de sua fixação na figura do malandro na edição de 25 de novembro de 1985 do **Jornal do Brasil** quando diz: “O que me fascina na figura do malandro dessa época, década de 40, é o seu caráter lúdico. Ele não era só esse cara que quer levar vantagem em tudo. Tinha também o lado da trapaça por brincadeira, pelo simples espírito da gozação...”

Filmado durante 2 meses no ano de 1985, o filme conta com grandes nomes no seu elenco como, Elba Ramalho, Claudia Ohana, Edson Celulari, Ney Latorraca entre outros.

Mesmo ano que o Brasil volta a ter um presidente civil eleito de forma indireta, pós ditadura militar que havia começado 21 anos antes, também foi o ano em que o Congresso Nacional aprova outra emenda Constitucional que restabeleceu eleições diretas para presidente da República e prefeitos.

Já a peça montada em 2003 pela companhia brasileira de teatro musical Möeller e Botelho, que contou com duas temporadas onde se apresentou no Brasil e em Portugal, assinando a direção Charles Möeller e com direção musical de Claudio Botelho, o espetáculo foi gravado e disponibilizado no YouTube.

O primeiro ano sob a presidência de Lula, foi marcado pelo lançamento do programa Bolsa Família no Brasil, na cultura a pasta era comandada pelo cantor e compositor Gilberto Gil, que em seu discurso de posse disse em meio a um grante texto que “Não cabe ao Estado fazer cultura”.

3 DO TEATRO AO CAOS: ESTRUTURA, ELEMENTOS E BIFURCAÇÕES

Antes de entrarmos nas análises da estrutura, elementos e bifurcações contextualizarei a metodologia que será abordada cada um.

Seguindo a linha de pensamento de relação entre ciências exatas e humanas, para analisar característica estruturais do texto e da cena, utilizarei a definição descrita no artigo de José João Cury "A Quantificação da Narrativa Teatral" onde Cury descreve:

"O nosso trabalho desenvolve-se a partir do capítulo VIII da *Poética Matemática* de Solomon Marcus, utilizando-nos de alguns parâmetros elaborados por ele, como: grau de população da cena, tipos de relações entre personagens, distancia cênica, grau de confrontação cênica e hierarquização das personagens." Cury (1999, pg.54)

Para discutir elementos que compõem cada parte da peça e do filme será utilizada a visão de Matteo Bonfitto em seu artigo "Tecendo sentidos: a dramaturgia como textura", analisando cruzamentos dramáticos entre os elementos fílmicos e teatrais que se mantêm em ambas as formas de arte. "(...)através do trabalho do artista alemão, a noção de dramaturgia passa a estar relacionada não somente com a escritura de textos dramáticos, mas com a articulação dos diversos elementos que compõem a cena." Bonfitto (2011, pg. 56)

A análise aqui cabe para se pensar a composição dos elementos cênicos dos objetos estudados. Vale ressaltar ainda, no texto de Bonfitto, que

"...a palavra, por exemplo, deixa de ser nessas formas espetaculares a matriz semântica privilegiada do espetáculo, que estabelece uma relação de dependência com os outros elementos, tais como o figurino, a cenografia, e a música (...) A unidade estética nesses casos é resultante de um profundo jogo de tensões." (BONFITTO, 2011, p. 57).

Para o caso estudado usarei uma definição de dramaturgia que pode ser encontrada no mesmo artigo, que é a de "- dramaturgia narrativa, que entrelaça os acontecimentos, as personagens, e orienta os espectadores em relação ao sentido do que estão vendo; Bonfitto (2011, pg. 58)

Durante parte desse trabalho utilizarei a o conceito de bifurcações para discutir as relações entre o filme e a peça.

De acordo com o livro *Caos/Dramaturgia* de Rubens Rewald

“As bifurcações surgem como resultantes de instabilidades (internas ou externas) em sistemas longe do equilíbrio. As instabilidades tiram o sistema de seu percurso único e linear e abrem diversas possibilidades de evolução ao sistema, que tem que optar por uma delas. A bifurcação é o ponto crítico a partir do qual uma possibilidade é escolhida, enquanto as outras se perdem para sempre.” (REWALD, 2005, p. 4).

Tal definição será utilizada para tratar a respeito das bifurcações entre o filme e a peça do objeto analisado.

A utilização desses parâmetros para analisar a os casos aqui propostos se dá pois é possível extrair diversas perspectivas quando colocadas junto a uma confrontação de um momento a outro.

Para as análises foi realizado um resumo do texto; uma descrição do filme e uma análise da peça de 2003 onde utilizei os seguintes termos:

Grau de população da cena (diz respeito à quantidade de pessoas ocupando o espaço cênico), tipos de relações entre personagens (trabalha desde relações de poder a relações de igualdade), distancia cênica (trata o distanciamento cênico, ator-atriz e ator-publico), grau de confrontação cênica (como os personagens se portam dentro do espetáculo) e hierarquização das personagens (relações exclusivamente de poder), horizontalidade (onde todos os personagens em cena se encontram com a mesma importância) e unidade estética (como cada casos estudado se comporta durante sua execução).

3.1 O TEXTO

Escrito por Chico Buarque em 1978, a peça *Ópera do Malandro* foi dirigida pela primeira vez por José Celso Martinez Corrêa.

Ficha técnica da primeira montagem:

O produtor Ary Fontoura

A Patronesse..... Maria Alice Vergueiro

João Alegre Nadinho da Ilha
 Duran Ary Fontoura
 Vitória Maria Alice Vergueiro
 Teresinha Marieta Severo
 Max Otávio Augusto
 Chaves Tony Ferreira
 Lúcia Elba Ramalho
 Geni Emiliano Queirós
 Dóris Pelanca..... Uva Nino
 Barrabás :..... Ivens Godinho
 Fichinha..... Cidinha Milan
 Johnny Walker Vander de Castro
 Dorinha Tubão Elza de Andrade
 Phillip Morris Paschoal Villamboim
 Shirley Paquete Neuza Borges
 Big Ben..... Ivan de Almeida
 Jussara Pé de Anjo. .. Maria Alves
 General Electric Vicente Barcelos
 Mimi Bibelô..... Cláudia Jiménez
 O Juiz Cléber Thomaz
 Jarbas Genival Calixto
 Bonifácio Vera Cruz
Direção: Luís Antônio Martinez Corrêa
Assistência de Direção: João Carlos Motta
Cenografia & Figurinos: Maurício Sette
Assistência Figurinos: Rita Murtinho
Direção Musical: John Neschling
Assistência de Direção musical: Paulo Sauer
Arranjos: John Neschling & Paulo Sauer
Direção Vocal Interpretativa: Glorinha Beutenmüller
Direção Corporal: Fernando Pinto
Iluminação: Jorge Carvalho
Programa: Maurício Arraes

O texto começa com o personagem "Produtor" recitando um texto na frente da cortina aos espectadores junto com Vitória antes mesmo do prólogo.

No prólogo a cortina segue fechada e João Alegre canta "O Malandro".

Imagem 1 — João Alegre - Ator, Nadinho da Ilha.



Fonte: Retirado do Livro/Texto Ópera do Malandro 1978.

A cena um se passa na casa de Duran e indica um misto de sala de estar, escritório e bazar.

A cena é uma conversa de Duran e o inspetor Chaves sobre a malandragem da cidade e uma dívida que Chaves tem com Duran, falando pelo telefone, Duran desliga o mesmo após a campainha tocar três vezes, é Raimunda Dias "Fichinha" que está à procura de um emprego.

Vitória mulher de Duran entra em cena descendo as escadas e perguntando quem é a pessoa e o que ela quer ali.

Imagem 2 — Vitória e Duran - Interpretados por Ary Fontoura e Maria Alice Vergueiro



Fonte: Retirado do Livro/Texto Ópera do Malandro 1978.

Na mesma cena Fichinha ganha o emprego e vai se trocar atrás de um biombo e descobrimos que Teresinha filha do casal está chegando de viagem.

É indicado que Fichinha sai irreconhecível de trás do biombo.

A introdução do primeiro número musical é feita por Duran onde o mesmo pede para Vitória ensinar a Fichinha como se faz para viver do amor, Vitória canta "Viver do Amor".

Geni entra e se senta em uma poltrona, pela primeira vez Max, o malandro, é citado, Geni também fala do "quebra-quebra" que aconteceu no bordel de Duran e que Max agora é um homem casado com Teresinha Fernandes de Duran, Duran e Vitória se negam a acreditar.

Ao final da cena um, Duran diz que vai ter uma conversinha com o inspetor Chaves.

A segunda cena acontece no esconderijo do Max, Teresinha é apresentada aos capangas de Max, chamados também de "Macacada", e prova seu vestido de noiva.

Max manda os capangas cantarem Tango do Covil.

O texto indica que depois de todos cantarem a orquestra continue o tema musical para que todos os capangas dançam com Teresinha, o mesmo é feito e Max apresenta cada um deles, sendo; General Electric, Phillip Morris, Johnny Walker, Big Ben e Barrabás.

Imagem 3 — Teresinha e Max Overseas - Interpretados por Marieta Severo e Otávio Augusto



Fonte: Retirado do Livro/Texto Ópera do Malandro 1978.

Geni entra gritando que o Tigrão (inspetor Chaves) está chegando, Max apresenta Geni a Teresinha, a acalma e diz que ele que é o padrinho do casamento. Refere-se a ele como "tigresa" e Chaves o chama de Tião, os dois conversam e juntos cantam Doze anos.

Chaves e Max confraternizam, e seguem conversando e citam Lúcia filha de Chaves.

Imagem 4 — Max, Geni e Teresinha ao fundo - Interpretados por Otávio Augusto, Marieta Severo e Emiliano Queirós



Fonte: Retirado do Livro/Texto Ópera do Malandro 1978.

O inspetor cobra Max por uma dívida antiga, para conseguir pagar Duran, Max passa Chaves pra trás falando que Fernandes de Duran será seu sogro. Max e Teresinha se casam.

Imagem 5 — Casamento - Na imagem, Chaves, Teresinha, Max e outros - Interpretados por Tony Ferreira, Marieta Severo, Otávio Augusto e mais.



Fonte: Retirado do Livro/Texto Ópera do Malandro 1978.

Barrabás inicia uma discussão com Chaves, onde ao final da discussão todos saem, sobrando apenas Max e Teresinha no palco, que cantam "Casamento dos Pequenos Burgueses".

A cena muda e Duran está ao telefone conversando com o departamento de polícia à procura de Chaves que não está lá.

Teresinha entra e confirma a história de Geni, Duran e Vitória ficam indignados, Teresinha canta "Teresinha".

Duran planeja que Max seja preso e cita o inspetor Chaves, porém Teresinha revela que Chaves é o padrinho de seu casamento. Duran tem outra ideia, a de divulgar que Chaves e Max trabalham juntos na passeata do dia do trabalhador.

Teresinha o questiona sem eficiência e logo sai de cena, entram quatro prostitutas, Dorinha, Shirley, Mimi e Doris, para conversar com Duran.

Imagem 6 — Vitória, Dorinha, Shirley, Mimi, Doris e Duran - Interpretados por Maria Alice Vergueiro, Elza de Andrade, Neuza Borges, Cláudia Jiménez, Uva Nino e Ary Fontoura.



Fonte: Retirado do Livro/Texto Ópera do Malandro 1978.

Ambas cobram Duran para que ele pague os estragos causados no seu cabaré na noite anterior, Duran responde dizendo que elas terão de pagar, por conta do contrato que assinaram.

Duran fala para as funcionárias levarem o problema causado na noite anterior às autoridades competentes.

Duran e Vitória cantam Sempre em Frente.

A cortina se fecha.

Segundo ato João Alegre canta "Homenagem ao Malandro".

A cena segue no esconderijo de Max, Teresinha entra para falar com ele sobre a conversa com seus pais e que Duran vai colocar a polícia atrás dele.

Teresinha coloca medo em Max, o que faz com que ele se arrume para fugir, mas antes deixa suas negociações nas mãos da Teresinha, a mesma tem a ideia de regularizar as atividades de Max, tornando a "empresa" em uma empresa LTDA.

Max dá as ordens da próxima entrega que vai receber e fala a todos que, a partir daquele momento, quem está no comando é Teresinha Overseas.

Max sai e Geni sai atrás. Teresinha, após começar a ensinar inglês aos capangas, tem uma conversa onde demite Barrabás e segue ensinando inglês até o fim da cena.

Uma das funcionárias de Duran canta "Folhetim".

Max entra no local que é o cabaré, e encontra as funcionárias de Duran, que buscam esconder os materiais e os cartazes que estavam confeccionando, Max questiona o que está escrito nos cartazes e conversa com Fichinha.

Os cartazes são para o desfile do dia do trabalhador, Geni corta a conversa para falar que Max será traído por uma mulher muito importante em sua vida e que seu nome começa com a letra "G".

Imagem 7 — Geni, Max e as Funcionárias de Duran no Cabaré - Interpretados por Emiliano Queirós, Otávio Augusto e mais.



Fonte: Retirado do Livro/Texto Ópera do Malandro 1978.

Max continua a conversa com as funcionárias até que as mesmas começam a cantar "Ai se eles Me Pegam Agora".

Entram Vitória, Chaves e policiais. As funcionárias recuam assustadas e Max está sapateando, Chaves o interrompe com um tiro no chão.

Max é algemado, Vitória pede para as funcionárias mostrarem os cartazes, logo entram os capangas de Max carregando novos cartazes.

Max descobre que Teresinha demitiu todos os seus capangas.
Introdução musical e todos cantam "Se Eu Fosse o Teu Patrão".

Max está na cadeia e conversa com Chaves, Barrabás aparece, mas é apresentado por Chaves como sendo Chagas o novo investigador da delegacia. Barrabás e Max conversam até a chegada de Lúcia, que chega gritando à procura de Max. Descobrimos no diálogo que Lúcia está grávida e o filho é de Max, os mesmos estão falando de Teresinha quando ela entra.

Imagem 8 — Prisão - Lúcia Max e Teresinha - Interpretados por Elba Ramalho, Otávio Augusto e Marieta Severo.



Fonte: Retirado do Livro/Texto Ópera do Malandro 1978.

Ambas não se conhecem Teresinha se apresenta como Sra. Max Overseas e diz que tem grandes novidades, as novidades são que Teresinha transformou as atividades de Max em uma empresa que está se regularizando.

Após mais conversa Teresinha e Lúcia cantam "O Meu Amor"

As duas se atracam, Barrabás as separa e arrasta Teresinha para fora de cena.

Lúcia e Max conversam, Max pede pra Lúcia roubar a chave da cela pra ele fugir, mas Lúcia já havia feito isso e tira Max da cela.

Blackout.

Casa de Duran, o mesmo e Vitória estão observando a passeata na rua e conversam até que Chaves chega.

Imagem 9 — Vitória, Chaves e Duran - Interpretados por Maria Alice Vergueiro, Tony Ferreira e Ary Fontoura.



Fonte: Retirado do Livro/Texto Ópera do Malandro 1978.

Duran pergunta a Chaves se ele deu um fim em Max, e Chaves revela que Max escapou da prisão.

Entra Geni, os quatro personagens conversam, Chaves avança sobre Geni, a mesma cobra para revelar informações sobre Max, o inspetor Chaves paga a Geni o valor pedido, Geni canta "Geni e o Zepelim".

Geni revela o endereço de Max para o Inspetor.

Max é preso novamente, em cena Max e Barrabás na prisão, Max dentro da cela.

Max tenta convencer Chaves de o soltar em troca de todo o dinheiro que ele tem em um cofre, cerca de cinco mil dólares. Teresinha entra com papeis para Max assinar, Max conta a Teresinha que Barrabás vai soltá-lo quando ela der todo o

dinheiro do cofre, mas Teresinha já havia o gastado e ainda devia dezessete mil, dinheiro que ela gastou com advogados, documentos, contabilidade e aluguel.

Imagem 10 — Teresinha e Max - Interpretados por Marieta Severo e Otávio Augusto.



Fonte: Retirado do Livro/Texto Ópera do Malandro 1978.

Teresinha e Max conversam até que a orquestra comece a introdução de "Pedaço de Mim", que Max e Teresinha cantam juntos.

Na cadeia Chaves e Duran estão a alguns passos da cela de Max, eles conversam sobre executar Max, mas antes Duran deve acabar com a passeata.

Entra cena da passeata, nela estão João Alegre e Vitória. A mesma fala para suspender a passeata, mas a passeata atropela Vitória e segue em frente, Duran tenta socorrê-la, mas também é arrastado, Chaves atira pro alto e nada acontece.

A quarta parede é quebrada quando Vitória caminha para o proscênio e pede luzes na plateia e para que suspendam o espetáculo.

Vitória, Duran/Produtor, João Alegre conversam, saem Duran, Vitória e João Alegre. Max, Teresinha, Lúcia, Geni, capangas e funcionárias de Duran estão no palco.

Entram Duran e Vitória para o EPÍLOGO DITOSO (Ópera) – como indicado no texto – e, de agora em diante, tudo será cantado.

Imagem 11 — João Alegre ao centro, restante do elenco espalhado pelo palco.



Fonte: Retirado do Livro/Texto Ópera do Malandro 1978.

Imagem 12 — João Alegre ao centro elenco ao fundo cantando e dançando.



Fonte: Retirado do Livro/Texto Ópera do Malandro 1978.

Black-out; fecha a cortina; orquestra continua.

João Alegre à frente da cortina canta "O Malandro N.º2"

Fim.

3.2 O FILME

O filme Ópera do Malandro estreou nos cinemas Brasileiros em meados dos anos oitenta e é baseado no Musical de 1978 de Chico Buarque de Holanda.

Ficha técnica:

Direção: Ruy Guerra

Roteiro: Chico Buarque de Hollanda, Orlando Senna e Ruy Guerra

Produção: Ruy Guerra, Austra Cinema e comunicações, MK2 Productions e TF1 Films Productions

Música: Chico Buarque e Chiquinho de Moraes

Arranjos: Chiquinho de Moraes

Fotografia: Antonio Luis Mendes

Desenho de produção: Irenio Maia e Mauro Monteiro

Figurino: Maria Cecilia Motta

Edição: Idê Lacrete e Mair Tavares

Coreógrafo: Regina Miranda

Elenco

Edson Celulari (Max Overseas)

Cláudia Ohana (Ludmila Struedel)

Elba Ramalho (Margot)

Fábio Sabag (Otto Struedel)

J.C. Violla (Geni)

Wilson Grey (Sátiro)

Maria Sílvia (Victoria Struedel)

Ney Latorraca (Tigrão)

Cláudia Jimenez (Fiorella)

Andreia Dantas (Fichinha)

Ilva Niño (Dóris)

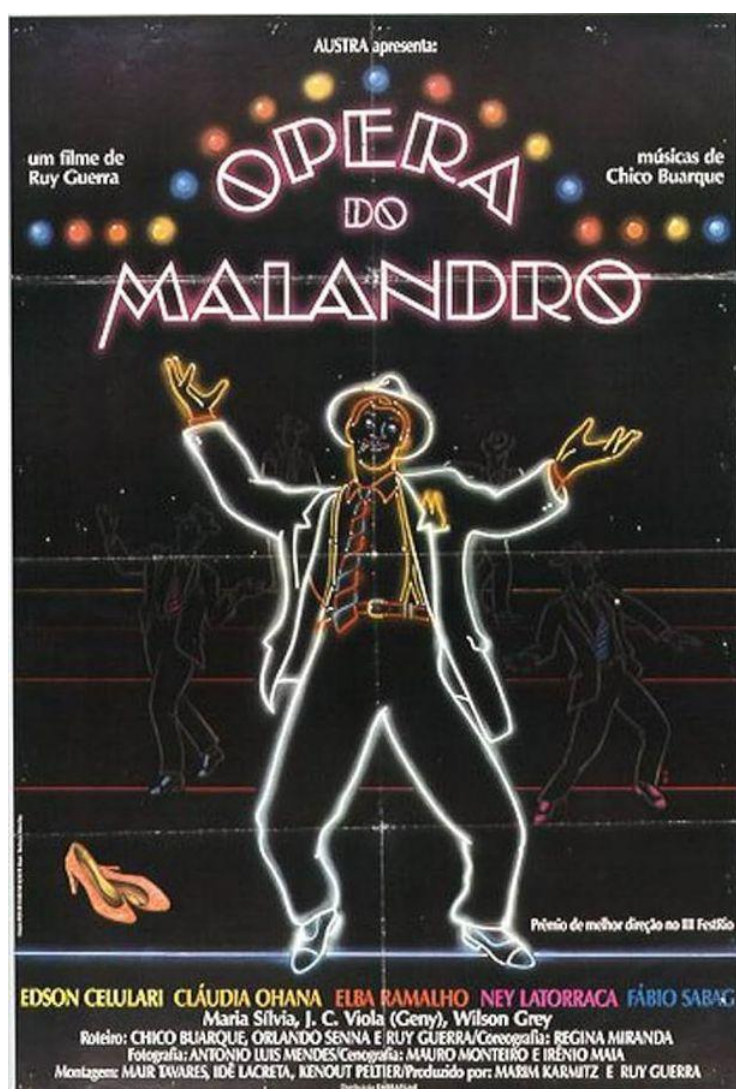
Zenaide (Dorinha Tubão)

Djenane Machado (Shirley Pacote)

Katia Bronstein (Mimi Bibelô)

Lutero Luiz (Porfírio)

Imagem 13 — Pôster



Fonte: Pôster de Divulgação do Filme de 1985.

O filme se passa em meados de 1942 e começa com o Malandro em um quarto se vestindo e saindo para a rua. Depois de passar por alguns lugares pega um pandeiro e começa a tocar.

O coro começa a tocar "A Volta do Malandro"

Imagem 14 — Max e Figurantes - Interpretado por Edson Celulari.



Fonte: Filme Ópera do Malandro - Direção Ruy Guerra.

O primeiro número musical acaba com Max e seus capangas chegando no porto para receber uma encomenda e conversam em inglês com as pessoas que trouxeram a encomenda, os quadros seguem uma linha onde mostram um grande grau de população cênica presente.

As cenas seguintes levam ao Cabaret Hamburgo onde as funcionárias cantam, "Las Muchachas de Copacabana".

A música é interrompida para que as funcionárias não se atrasem para entrar no cabaré, adotando movimentos rápidos e coreografados, após uma conversa entre Margô e Geni.

Geni e o coro cantam Tema Geni.

Geni vai anunciar a próxima e atração recita o porquê não foi convocada para servir ao exército brasileiro, já que ela e seu patrão Duran eram favoráveis à Alemanha na guerra. Max chega no cabaré de Duran e se diz pró América, Max e seus capangas começam uma briga com os pró Alemanha que estavam no cabaré e destroem o local, com um elevado número de pessoas em cena, a câmera se distancia para a chegada de Chaves.

Começa a música "Hino de Duran" cantada pelo detetive Chaves.

A câmera trabalha durante a cena em duas perspectivas, sendo a primeira muito aberta e a segunda focada no inspetor Chaves que, sozinho, canta toda a música, cercado de outros policiais. Ao final da canção Chaves manda prender e fichar todos ali, mas libera Max e pede desculpas pelo incômodo. Eles se encontram em um banheiro e conversam, Max chama Chaves de "Tigrão", e Chaves chama Max pelo seu nome de batismo, "Sebastião Pinto".

Max canta "Aquele Mulher".

Max canta a música dentro do banheiro, transitando entre os espelhos do mesmo, junto com Chaves que acompanha a movimentação com o olhar.

A cena corta para Duran conversando com alguém ao telefone que logo é desligado, e conversa com suas funcionárias, acerca dos danos causados no cabaré na noite anterior.

Durante a conversa chega Raimunda Dias, a "Fichinha", que canta Viver do Amor.

O número musical é todo coreografado com a câmera e as atrizes que o compõem, mostrando toda a transformação de Fichinha.

Duran segue a cena falando sobre pegar pessoas como Fichinha e "consertá-las". Duran em uma conversa com suas funcionárias descobre que Max que causou a confusão em seu cabaré.

Uma nova personagem se apresenta descendo do trem no filme e cantando Sentimental.

Essa é Teresinha, filha de Duran.

A cena muda para uma engraxateria onde muitos atores vestidos como malandros estão. Um malandro desafia Max para uma partida de sinuca, começa a música "Desafio do Malandro", cantada por Max e seu desafiador.

Durante toda a canção eles estão jogando sinuca, a canção é em forma de diálogo. Max perde, mas não tem dinheiro pra pagar.

A cena muda e Max agora esta conversando com Geni na rua e reclamando de Duran, Geni conta que Teresinha chegou à cidade.

Max se encontra com Teresinha em um jogo de futebol, e saem do jogo juntos. À noite do mesmo dia estão na praia e Teresinha canta "O Último Blues".

Teresinha canta e dança a música inteira sozinha enquanto Max apenas a olha.

Teresinha pega o carro e deixa Max sozinho na praia só de cueca, a mesma chega em casa e encontra seu pai e sua mãe, com quem conversa sobre o motivo da sua volta à cidade natal.

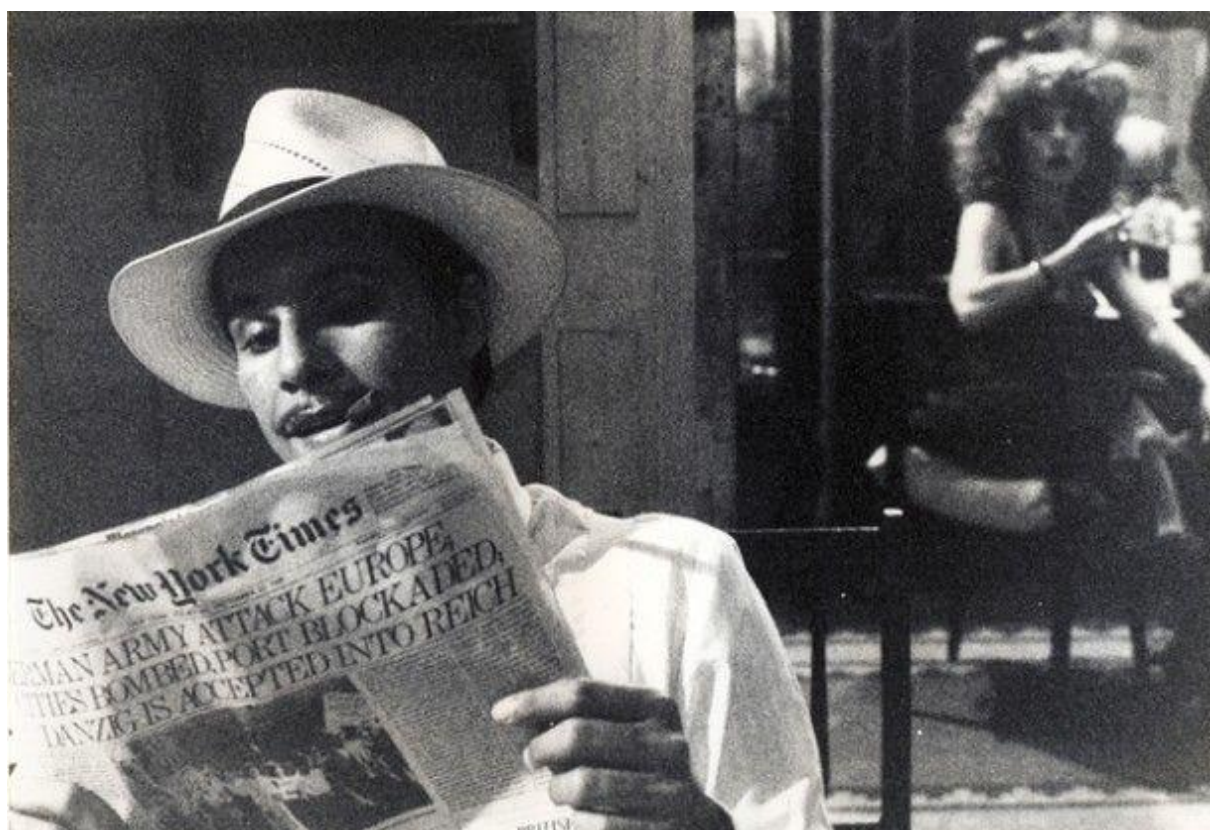
Max aparece novamente e paga sua dívida com o malandro.

Uma das funcionárias de Duran canta "Palavra de Mulher".

A câmera transita entre a personagem que canta e Max assistindo a um filme no cinema.

Ao sair do cinema Max encontra Teresinha na rua, eles conversam sobre o trabalho de Max e Teresinha se oferece para ser sócia de Max.

Imagem 15 — Max e Funcionária de Duran ao fundo - Interpretado por Edson Celulari



Fonte: Filme Ópera do Malandro - Direção Ruy Guerra.

O mesmo se encontra com a "macacada" (seus capangas) e diz que a próxima remessa vai ser a maior que já viram.

Max conversa com Margô e Chaves, em outra cena Teresinha conversa com Duran e Vitória.

Teresinha encontra-se com Max e conversam sobre os problemas da associação dos dois.

Margô e Teresinha cantam "O meu amor".

A cena é feita pela Margô e Teresinha cantando e dançando.

Margô e Tigrão conversam na rua, descobrimos que Margô e Tigrão já tiveram um relacionamento. Chaves conversa com Duran que pede para Chaves dar um fim em Max Overseas.

Max apresenta a Teresinha seus capangas, que cantam "Tango do Covil".

Todos os capangas participam da coreografia da canção, Chaves chega à cerimônia, para a qual foi convidado para ser padrinho, mas devido à conversa que teve com Duran mudou de ideia e, depois de chegar, atira em Geni que estava no mesmo local. Max e Teresinha não se casam, ele resolve fugir e ela volta pra casa.

Vitória canta "Uma Canção Desnaturada".

Vitória canta a música enquanto Teresinha adormece em seu colo.

Margô se encontra com Max nos fundos de um bar, eles conversam sobre a relação que eles tiveram.

Na rua Tigrão chega e ameaça Max e Margo.

Max segue desafiando Tigrão até que eles começam a brigar.

Max vê que o Brasil entrou na guerra e decide que também irá entrar. Ao contar para Margô, a mesma canta "Pedaço de Mim".

Diferente do momento em que Teresinha canta na praia, aqui a Max participa e canta junto com Margô a canção. Mesmo assim, Max abandona Margô.

Após essa cena aparece um recado escrito.

"22 de agosto de 1942. O Brasil declara guerra a Hitler e ameaça confiscar os bens de todos os alemães residentes no país."

Após o recado um narrador nos conta que Max acabou se casando com Teresinha e que Chaves foi o padrinho com a benção de Duran e Vitória.

3.3 A PEÇA

Análise será somente dos números musicais, escolhidos como parâmetro para a análise final, na filmagem da peça Ópera do Malandro, de 2003, com direção de Charles Möeller.

Em 2003, a dupla Möeller & Botelho volta a trabalhar em cima da obra de Chico Buarque, na remontagem do musical "Ópera do Malandro", que se tornou um estrondoso sucesso de público e crítica no Rio, São Paulo e em Portugal, onde foi apresentado em duas temporadas. O espetáculo, foi uma luxuosa produção assinada por Charles (direção, cenários e figurinos) e Claudio (direção musical) trouxe 20 atores em cena, 12 músicos tocando ao vivo, três palcos giratórios montados num cenário de três andares, e 75 figurinos. Ao todo foram apresentadas 20 canções. Além das já consagradas na primeira versão, como "Folhetim" e "Geni e o Zepelim", foram inseridas músicas compostas para a adaptação cinematográfica feita por Ruy Guerra em 1985, como "Palavra de Mulher" e "Las Muchachas de Copacabana". No elenco, Alexandre Schumacher, Soraya Ravenle, Lucinha Lins, Mauro Mendonça, Cláudio Tovar, Alessandra Maestrini, Sandro Christopher, entre outros nomes. (Möeller e Botelho - <https://moellerbotelho.com.br/espetaculos/opera-do-malandro-2003/> - acesso em 05/09/2024)

Nesse estudo de caso todas as músicas foram transcritas diretamente da gravação do espetáculo, e há algumas diferenças em relação às letras originais, que são encontradas em gravações de estúdio e aplicativos de música.

Ficha técnica:

Texto: Chico Buarque

Direção: Charles Möeller

Direção Musical: Claudio Botelho

Orquestrações: Liliane Secco

Regência: André Luiz Góes

Coreografia: Renato Vieira

Cenário: Charles Möeller

Figurino: Charles Möeller

Design de Luz: Paulo César Medeiros

Design de Som: Branco

Produção: Axion Produtores Associados

Elenco

Max Overseas – Alexandre Schumacher

Teresinha – Soraya Ravenle

Duran – Mauro Mendonça / Nuno Leal Maia

Vitória – Lucinha Lins / Selma Reis

Tigrão – Claudio Tovar / Thelmo Fernandes

Lucia – Alessandra Maestrini

Geni – Sandro Christopher / Thelmo Fernandes / Fernando Eiras

Prostitutas

Dóris Pelanca – Ada Chaseliov

Fichinha – Sabrina Korgut

Mimi Bibelô – Ivana Domenico / Camila Caputti

Dorinha Tubão – Renata Celidonio

Shirley Paquete – Sheila Mattos / Marya Bravo

Jussara Pé de Anjo – Lilian Valeska

Catarina Blue – Maria Carolina Ribeiro / China Blue – Ester Elias

Malandros

Barrabás – Claudio Lins / André Falcão

General Electric – Ronnie Marruda

Johnny Walker – Paulo Mello / Renato Rabelo

Phillip Morris – Mauro Gorini/Murilo Neves/Ricca Barros/Mauricio Baduh

Big Ben – André Falcão / Cristiano Gualda

Kid – Giuliano Candiago / Betto Serrador / Chris Penna

Músicos

Carlos Mendes / Anderson / Cintia Zanco / Keder Candido – primeiro violino

Angélica Alves / Talita / Danilo Trevisan – segundo violino

José Völker / Tais Mendes / Anai Rosa / Renato Kutner – viola

Claudia Grosso Salles / Ronildo / Marisa Silveira / Fabio Petrucelli – violoncelo

Silvio D'Amico / Thiago Trajano / João Gaspar / Cesar Berton – violão

Omar Cavalheiro / Felipe Portinho – baixo

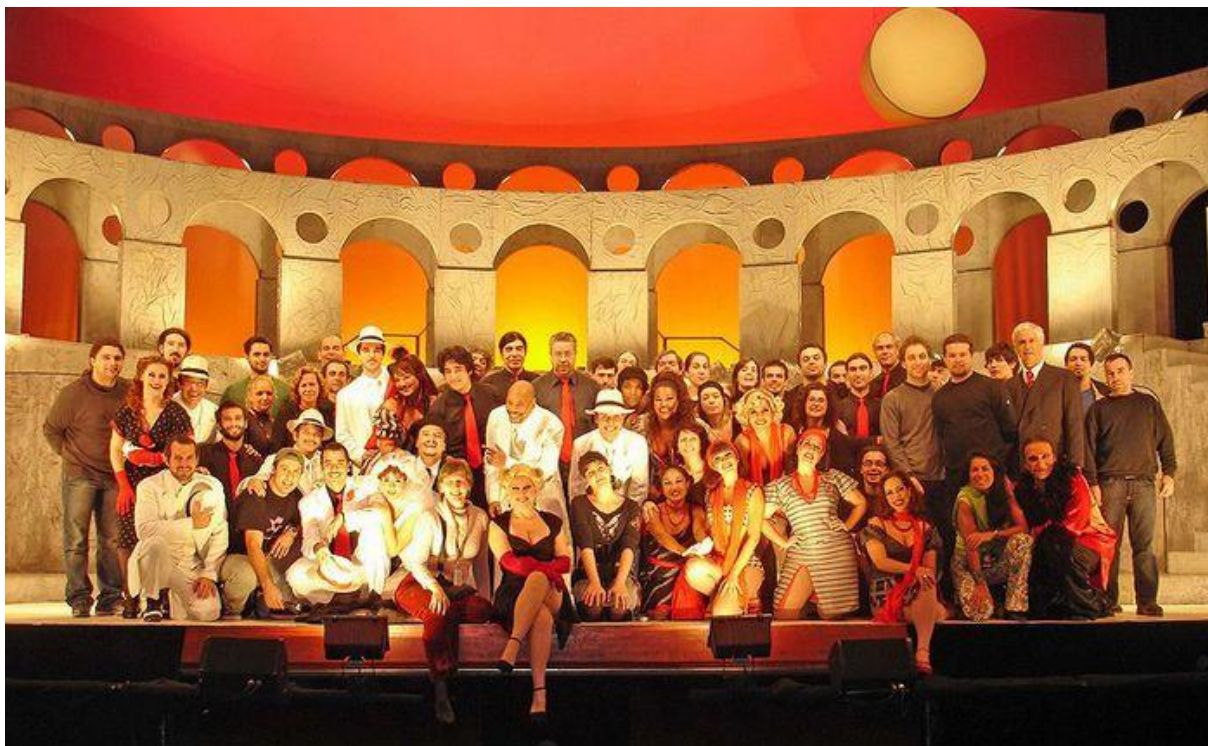
Vitor Motta / Fernando / Goio Lima – sax

Vinícius Lugon / Josué Silva / Claudio Faria / Amílcar – trompete / flugelhom

João Luis Areias / Wanderson / Marcos / Silvio Giannetti / Jesaias – trombone

João Bittencourt / Itamar Assieri / Adriano Souza / Christianne Neves – piano
Affonso Netto / Joca Moraes – bateria / percussão

Imagem 16 — Equipe de produção e elenco da peça Ópera do Malandro.



Fonte: Retirado da Galeria de Imagens do site Möeller e Botelho.

Antes do primeiro número musical da peça na gravação analisada, o teatro aparece de forma totalmente apagada, e a peça inicia.

Primeiro Número Musical

Música "A Volta do Malandro"

A primeira cena do musical no teatro começa com um número musical de apresentação de Max Overseas o “Malandro”, e também do coro do espetáculo. A letra apresenta as principais características de um malandro que vivia no Rio de Janeiro nos anos 40, período em que a peça se passa.

Com o espaço cênico sendo totalmente utilizado a cena apresenta toda a cenografia que não mudará durante o restante do espetáculo, e trabalha elementos como figurino semelhantes entre todos os atores em cena e música. Até então a dramaturgia da narrativa que entrelaça a cena gera um "ar de mistério" em torno do

espetáculo, não revelando claramente quem é o malandro e nem quem são os outros personagens da peça.

Após uma conversa entre Duran (Pai de Teresinha, Marido de Vitória e dono de um prostíbulo) e Chaves (Inspetor de polícia que, depois de algum tempo, descobrimos ser amigo de infância de Max) por telefone, o mesmo conversa com Fichinha (uma mulher que busca um emprego e tem 17 anos) até a chegada de Vitória, que manda Fichinha ir para trás de um biombo. Vitória e Duran conversam sobre Teresinha a respeito de sua saída na noite anterior e do "Capitão" que a tinha chamado para sair. Nasce uma discussão sobre o possível casamento de Teresinha, filha dos dois.

A cena avança até os 12:24 (Doze minutos e 24 segundos) quando Fichinha volta e tem uma entrada musical.

Fichinha agora está toda arrumada e Duran muda o nome dela para Margarete.

Segundo número musical - Vitória canta "Viver do amor"

A cena aqui se apresenta com um grau de população cênica reduzida em relação ao primeiro número musical, e o que antecede o número musical demonstra um grau de hierarquização quando Duran e Vitoria se colocam como donos e patrões de diversas garotas que trabalham no prostíbulo.

Os elementos do que precede, permeia e passa o segundo número musical transitam por tensões entre atriz, voz, figurino e luz, Vitória ao lado de Fichinha ainda impõe um grau de confrontação cênica, onde se posiciona de forma que o palco seja majoritariamente seu.

Geni (ou Genivaldo) entra, e a conversa segue entre Vitória, Duran e Geni. Descobre-se que Geni trabalha para Max Overseas. A peça traz detalhes onde dá-se a entender que se passa no Brasil, no mesmo período em que acontecia a Segunda Guerra Mundial na Europa. Por vezes Geni é chamado de Genivaldo. Na mesma conversa é citado que Max casou-se na noite anterior, quando questionado sobre o nome da moça a qual Max se casou, Geni responde.

- O nome da noiva é Teresinha Fernandes de Duran.

Duran jura Max de morte por meio do inspetor Chaves.

Terceiro número musical, Duran canta o Hino de Duran.

A composição cênica lembra muito a do número musical anterior de Vitória com Duran se colocando à frente do palco e se estabelecendo como centro, criando uma unidade estética contínua.

Max e Teresinha, conversam sobre o vestido de noiva, Max introduz a apresentação de seus capangas, a apresentação é intercalada com o quarto número musical a música "Tango do Covil".

Imagem 17 — Teresinha e Capangas - Interpretada por Soraya Ravenle.



Fonte: Retirado da Galeria de Imagens do site Möeller e Botelho.

O grau de população cênica aqui aumenta e diminui conforme cada capanga se apresenta. Com a ocupação do palco sendo utilizada de forma coreografada, os

atores mantêm uma horizontalidade entre os mesmos, os elementos dramáticos se complementam de forma síncrona.

Apresentação de Barrabás, o braço direito de Max, a Teresinha.

Kid, o mais jovem da turma de Max, chega alertando sobre “Tigrão”, que é o inspetor Chaves.

Diálogo entre Max e Chaves, Max por vezes se refere a Chaves como "Tigresa".

Chaves e Max cantam o quinto número musical juntos, a música "Desafio do Malandro" como pergunta e resposta.

De longe a cena que mais teve hierarquização e horizontalidade se alternando: Max e Chaves são amigos de infância e, ao mesmo tempo, opostos profissionais, já que Max é um contrabandista e Chaves um inspetor de polícia. Durante a cena há momentos em que o inspetor puxa a arma para Max, mas o mesmo, conhecendo quem segura a arma, consegue contornar o assunto e fazer com que ele e Chaves caiam novamente em uma relação de horizontalidade.

A música complementa a relação dos personagens dando, para os dois, o direito de pergunta e de resposta.

Pela primeira vez é revelado o nome real de Max Overseas - Sebastião Pinto ou, como chamado por Chaves, Tião. Diálogo entre Chaves e Tião.

Durante o diálogo Chaves menciona sua filha Lúcia (Lúcia tem uma condição de furtar tudo que a interessa, ela é Cleptomaniaca) e descobre que Duran, seu sócio, é sogro de Max.

Max e Teresinha se casam (a cena é uma reprise da noite em que Duran está ligando para Chaves, utilizando um recurso de volta no tempo) e Geni chega.

Imagem 18 — Casamento



Fonte: Retirado da Galeria de Imagens do site Möeller e Botelho.

Geni, Max, Teresinha, Chaves e os capangas cantam a música "O Casamento dos Pequenos Burgueses" no sexto número musical.

A cena do sexto número musical é inteira coreografada, com todos os que cantam também dançando, certas interrupções coreografadas e dialogadas permeiam a música. Aqui a questão da hierarquização dos personagens é quase nula, exceto pelo fato de Max e Teresinha tomarem o protagonismo em alguns momentos durante a canção.

Duran liga para o inspetor Chaves, mas ele não atende, pois estava no casamento de Max.

Vitória e Duran conversam.

Teresinha chega para pegar duas mudas de roupa e conta à família que está casada com Max Overseas.

Após uma discussão, Teresinha canta "Teresinha".

Com seus pais ao fundo e sem luz, Teresinha é o centro do espetáculo nesse momento quando falamos em população de cena, com algumas interrupções de cena de seus pais, a relação de confrontação entre os personagens no decorrer da cena se mostra em uma horizontalidade, mesmo com as discussões entre Vitoria e Duran. Ao final do sétimo número musical, o ator Mauro Mendonça, que faz Duran, quebra a quarta parede ao dizer; "Vitoria agora diga para sua filha que para o segundo ato ela já pode ir ensaiando a marcha fúnebre".

Duran e Vitória conversam sobre Teresinha. Vitória levanta a ideia de Teresinha se tornar viúva. Os mesmos comentam sobre o Inspetor Chaves e descobrem que Max e Chaves são amigos de infância.

Duran tem a ideia de criar uma manchete, colocando Max como melhor amigo de Chaves, o que seria um escândalo para o Inspetor. Duran pretende usar suas funcionárias para fazer uma passeata no feriado do dia 1º de maio com suas funcionárias carregando cartazes para destruir a carreira do inspetor de Chaves.

Depois do planejamento de Duran para denunciar Chaves, Vitória diz que nunca faltou educação cristã para Teresinha, e junto com Duran canta "Uma canção desnaturada".

Durante o oitavo número musical, Duran e Vitoria tomam a frente do palco e a atenção do público, agora com uma clara hierarquização em cena, já que Teresinha, que também está no palco, se posiciona atrás de seus pais. A população de cena aumenta conforme a gravação abre a cena o que revela que a música está sendo cantada para uma versão de Teresinha ainda criança, que posteriormente compartilharia o centro do palco com seus pais.

Duran conversa com as empregadas, sobre a invasão ao bordel, no contrato assinado pelas funcionárias existia uma cláusula, que diz que as funcionárias deveriam pagar os prejuízos da invasão ao bordel. Duran tem a ideia de criar um sindicato para suas funcionárias, onde planeja uma passeata contra a polícia por conta da invasão ao bordel.

Imagem 19 — Funcionárias de Duran



Fonte: Retirado da Galeria de Imagens do site Möeller e Botelho.

Fernandes de Duran planeja o ato do dia do trabalhador

"Somos as Muchachas de Copacabana" cantada pelas funcionárias de Duran.

O palco do teatro durante esse número musical está sendo utilizado por inteiro, a relação entre as personagens permanece o tempo todo em horizontalidade, sem nenhum aparente grau de confrontação cênica, com o palco praticamente nu, somente o cenário construído permanece. O nono número musical marca também o intervalo da peça.

A volta do intervalo é marcada por João Alegre cantando a música "Homenagem ao Malandro".

Seis personagens estão em cena, vestidos iguais ao malandro, ocupando todo o centro do palco, verificando-se assim uma unidade estética em todos os personagens.

Teresinha conta a Max o plano de seu pai Duran de fazer a manifestação. A sensação de continuidade se mantém estabelecida pela continuidade da narrativa. Max, nesse diálogo, decide fugir e deixar os negócios sob a responsabilidade de Teresinha, que pretende transformar os negócios de Max em uma empresa regularizada. Antes de fugir, Max explica para seus capangas como receber o próximo carregamento que está pra chegar, e coloca Teresinha como sua substituta nos negócios. Teresinha demite Barrabás. A música "Folhetim" começa a ser cantada por Fichinha (Margareth).

Max vai até o bordel onde estão sendo confeccionados os cartazes e apresenta a última novidade do mercado para as funcionárias de lá, o famoso Nylon. As funcionárias cantam "Ai, Se Eles Me Pegam Agora".

O número é todo coreografado, com as funcionárias ocupando grande parte do palco, a distância cênica diminui na relação personagem-personagem, mas a horizontalidade dessa relação se mantém.

Max, Chaves (Tigresa) e Geni no palco, Max e Chaves conversam, entra Vitoria. No piso térreo do palco estão os já citados e, no superior, as funcionárias com cartazes. Max descobre que Teresinha demitiu todos os seus capangas. O inspetor prende Max e a música "Hino da Repressão" começa.

Ao final do número musical, uma cela desce sobre Max. O número é marcado pelos capangas e pelas funcionárias de Duran cantando juntos no centro do palco.

Com Max ao fundo observando tudo, a cena ganha profundidade e uma horizontalidade entre todos que estão em cena.

Max e Chaves conversam.

Barrabás chega, agora com o nome de Barbosa e trabalhando na polícia para Chaves.

Lucia (Filha de chaves) aparece e diz estar grávida de Max. Eles conversam até Teresinha chegar e, após uma discussão, Teresinha canta junto com Lúcia a música "O meu amor".

Dividem a cena no número musical Lúcia e Teresinha (em primeiro plano) e Max (ao fundo). O grau de confrontação cênica entre Lúcia e Teresinha é variável durante todo o número musical, tendo momentos em que as duas chegam a uma

horizontalidade. O número acaba com Barrabás chegando e tirando Teresinha de cena.

Lúcia e Max no palco, o mesmo convence Lúcia a pegar as chaves da cela e um montante de dinheiro e trazer a ele, ela o faz e Max sai da cela com o dinheiro que havia pedido.

Max abandona Lúcia e ela canta "Palavra de Mulher".

Sozinha em cena, toda a atenção é voltada pra Lúcia. A composição da cena (figurino, cenografia, luz etc.) segue a unidade estética do espetáculo.

O número acaba com Duran e Vitória entrando em cena e Lúcia saindo. Chaves chega com a notícia da fuga de Max. Geni chega e é questionada sobre o paradeiro de Max.

Genival (Geni) conta a Duran, Vitória e Chaves o local onde Max está. Depois de hesitar Chaves diz que vai matar Max. Geni canta "Geni e o Zepelim".

Com Geni ao centro e todo o elenco ao fundo fazendo o coro, a hierarquização está agora toda voltada pra Geni, que canta diversas partes da música sozinha.

Max volta para a prisão e é visitado por Teresinha, que diz ter gastado todo o dinheiro do cofre para regularizar a empresa de Max.

Duran, Chaves e Vitória entram em cena e conversam sobre a manifestação e a morte de Max.

Teresinha e Max cantam juntos "Pedaço de Mim".

Em horizontalidade, sem uma clara confrontação cênica aparente, a relação entre os dois se torna, a cada momento mais próxima.

Chaves atira em Max, mas o Produtor (João alegre) aparece e fala que trocou as armas, alegando que "essa é a ópera do Malandro, mas acima de tudo é um musical e todo musical precisa de um final feliz."

João alegre canta "Ópera".

A cena segue a unidade estética de todo o musical, com o grau de população cênica ocupando toda a cena e trabalhando o a hierarquização dos personagens e o jogo de tensões.

Agora, com todo o elenco no palco, Max recita "O Malandro 2".

O último número do musical é composto por todos os atores e atrizes em cena, com apenas Max recitando a música do "O Malandro".

4 EM RELAÇÃO

O quarto capítulo irá misturar conceitos da física colocando em relação com o teatro e o audiovisual. Esses conceitos físicos são a noção de estabilidade estrutural e a de bifurcações.

“A noção de estabilidade estrutural está intimamente ligada ao conceito de equilíbrio de uma estrutura. A estabilidade de um sistema pode ser simplificada como a capacidade de um sistema voltar à posição original após sofrer uma pequena perturbação, como é o caso de uma força externa.” (PERES, 2011, p. 29).

Já o conceito de bifurcação de Rewald é definida como:

“(...) como resultante de instabilidades (internas ou externas) em sistemas longe do equilíbrio. As instabilidades tiram o sistema de seu percurso único e linear e abrem diversas possibilidades de evolução ao sistema, o qual tem que optar por uma delas. A bifurcação é o ponto crítico a partir do qual uma possibilidade é escolhida, enquanto as outras se perdem para sempre.” (REWALD, 2005, p. 4).

Esses dois conceitos trabalham juntos dentro da física, onde a noção de estabilidade estrutural muitas vezes precede a noção de bifurcações.

Sendo um texto teatral a base de um espetáculo, o mesmo é um sistema instável, já que pode sofrer alterações quando montado por diferentes diretores e realizado de diferentes formas, por exemplo quando transformado em um audiovisual. Para essa análise utilizei um parâmetro que se repete nos casos estudados, que são os números musicais. Focarei nos números musicais que se repetem nos três casos, para um melhor desenvolvimento da teoria das bifurcações, verificando quando o sistema abandona uma possibilidade e a perde para sempre. Apenas quatro números musicais se repetem nos três casos, e será neles que será concentrada a análise.

Os quatro números musicais que se repetem são; "Viver de Amor", "Tango no Covil", "O Meu Amor" e "Pedaço de Mim".

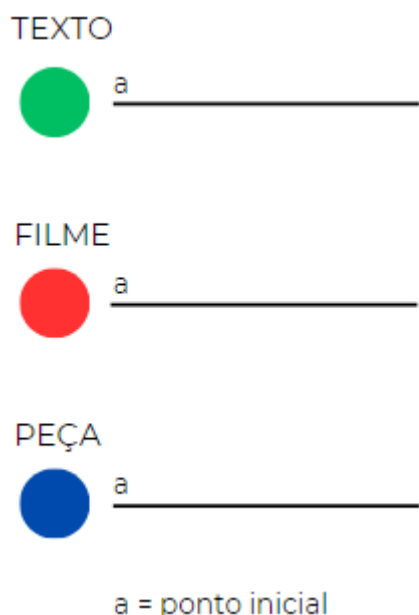
Diferentemente do texto de 1978, que começa com o produtor introduzindo o espetáculo ao público e posteriormente cantando a música "O Malandro", o filme de

1985 e a peça de 2003 não adotam o mesmo início, mas começam diretamente no que estaria indicado como prólogo no texto, porém com a canção "A volta do Malandro".

Para essa análise utilizarei diagramas com o intuito de destacar os parâmetros e sinalizar a forma como as bifurcações se comportam dentro dos casos estudados.

Na Figura 1 podemos observar os 3 casos em estabilidade, sem que nada altere seu percurso, esse é o início dos casos estudados.

Figura 1 — Diagrama - Sistemas em estabilidade



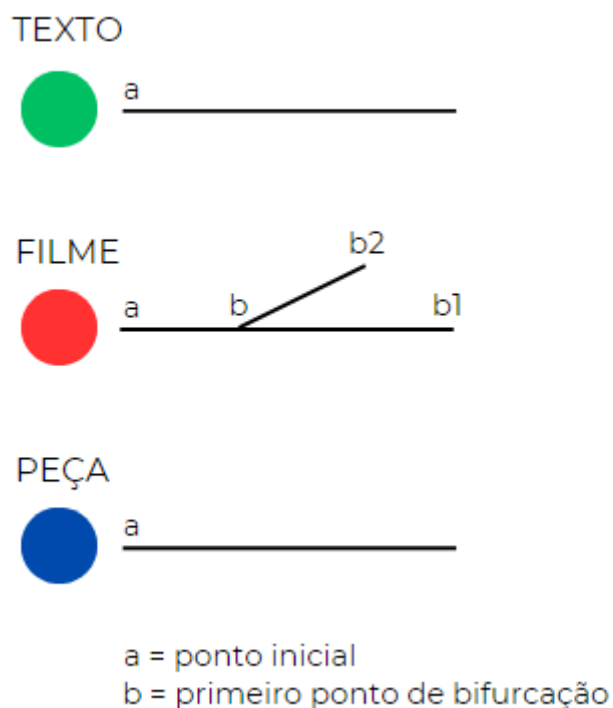
Fonte: Elaborado pelo autor (2024).

Logo após, no primeiro número musical, a canção "Viver de amor" é cantada na versão textual e teatral, gerando a primeira bifurcação na versão audiovisual, onde optou-se por seguir com a música "Las Muchachas de Copacabana", que se repete apenas no próprio filme e na peça. É importante lembrar que segundo a edição do Jornal do Brasil de 19 agosto de 1985:

"Um musical sem nenhum bom-caráter. Essa premissa é garantida por Rui Guerra, no primeiro dia de filmagem de Ópera do Malandro, inspirado na peça de Chico Buarque - que, além de trabalhar no roteiro ao lado do diretor e de Orlando Senna, compôs oito novas músicas para o filme." Susana Schild. Jornal do Brasil, Rio de Janeiro, 19 ago. 1985.

Isso significa que mesmo depois do texto original ser finalizado, seu autor Chico Buarque ainda criou outras músicas para utilizar na versão audiovisual, criando uma instabilidade no sistema, adicionando parâmetros que só são (a partir desse momento) possíveis de se repetir em novas montagens do mesmo.

Figura 2 — Primeiro ponto de bifurcação do filme

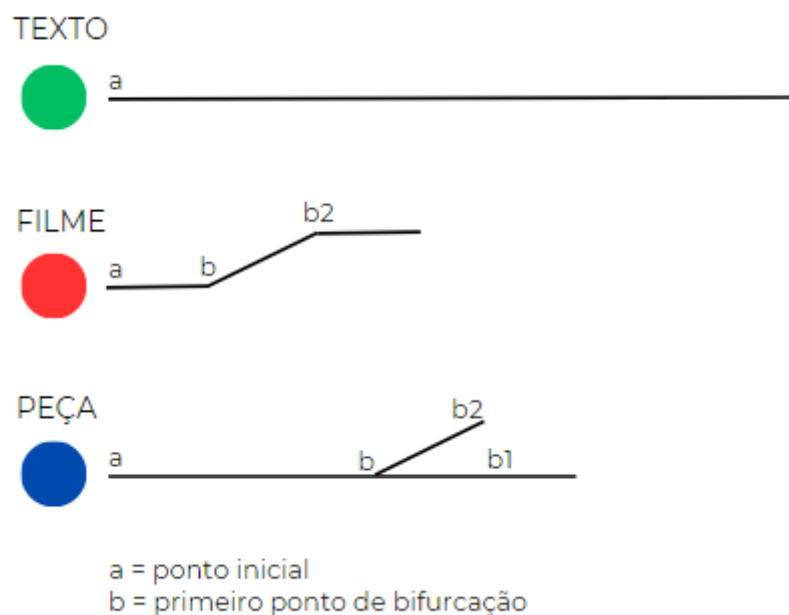


Fonte: Elaborado pelo autor (2024).

A escolha do diretor do filme de não seguir o texto original cria o primeiro ponto de bifurcação onde b1 é a versão onde se canta a música "Viver de amor" e b2 é a versão onde se canta a música "Las Muchachas de Copacabana", logo b1 se perde para sempre quando, no filme, a música interpretada é "Las Muchachas de Copacabana".

A música "Viver de Amor" será cantada no filme somente no quinto número musical, a essa altura a peça também desenvolveu uma bifurcação, quando a música "Hino de Duran" é cantada no lugar de "Tango no Covil", tendo sempre como referencial o texto original, como no exemplo.

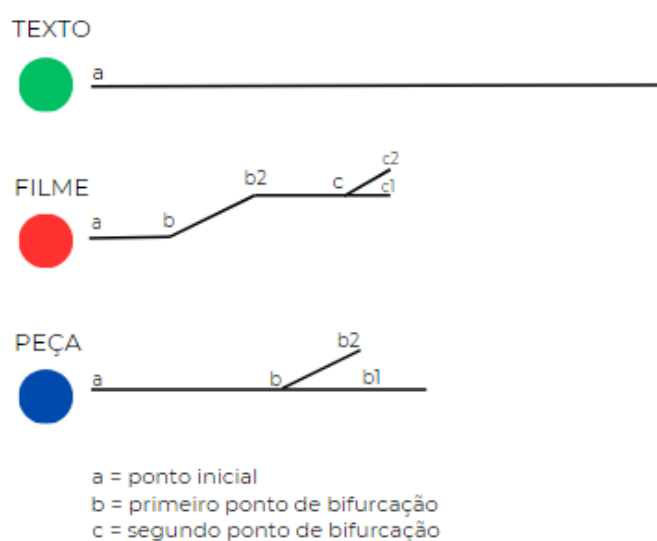
Figura 3 — Primeiro ponto de Bifurcação da peça



Fonte: Elaborado pelo autor (2024).

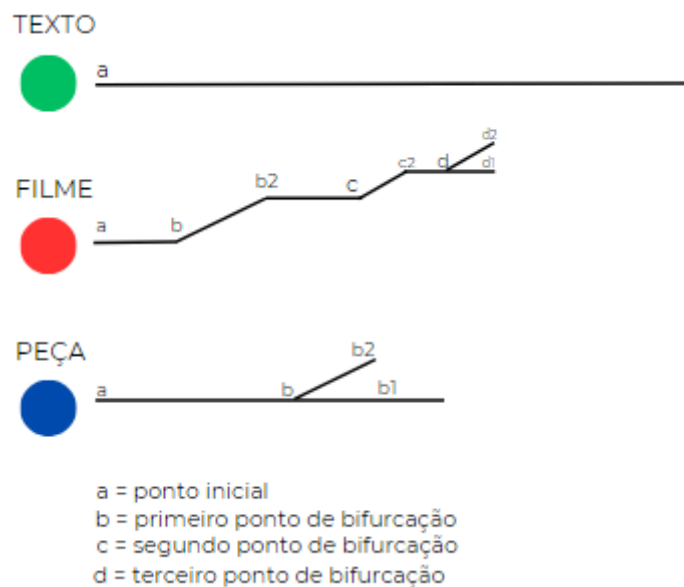
No filme o segundo e o terceiro pontos de bifurcação são seguidos, colocando o número musical "O Meu Amor" antes de "Tango no Covil", criando duas bifurcações seguidas.

Figura 4 — Segunda ponto de bifurcação do filme



Fonte: Elaborado pelo autor (2024).

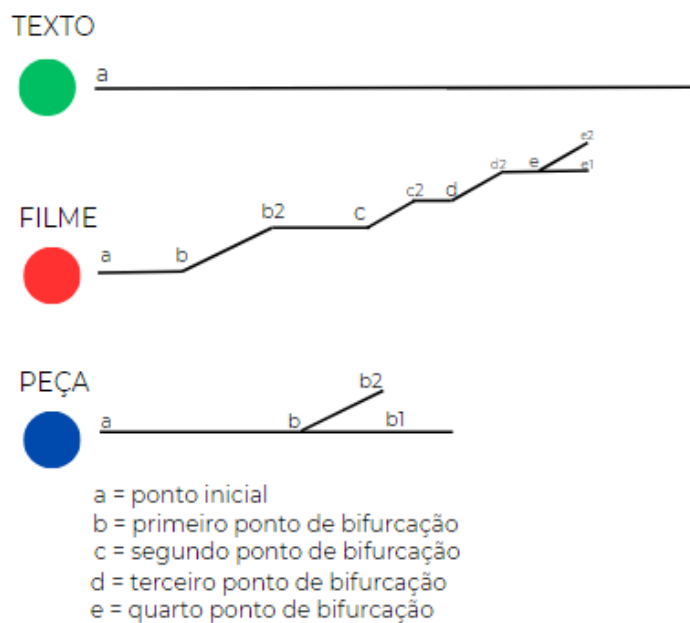
Figura 5 — Terceiro ponto de bifurcação no filme



Fonte: Elaborado pelo autor (2024).

Apenas uma música após o terceiro ponto de bifurcação o filme termina suas bifurcações, no parâmetro usado neste trabalho.

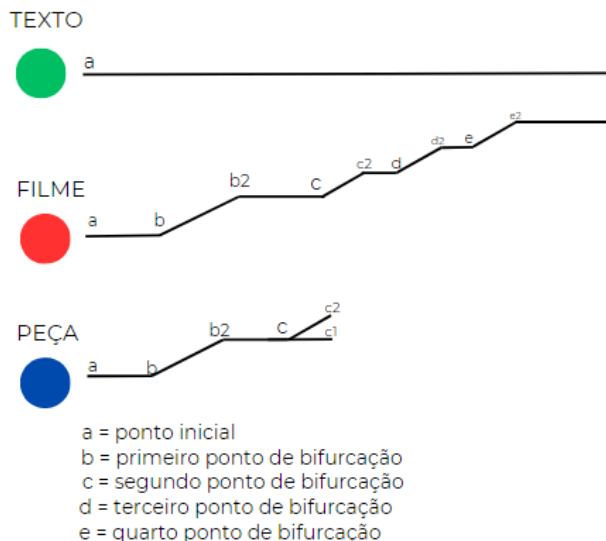
Figura 6 — Quarto ponto de bifurcação do filme



Fonte: Elaborado pelo autor (2024).

Agora tratando somente da peça e dos três pontos de bifurcação restantes, "Tango no Covil", no texto é o terceiro número musical. Já na peça, é o quarto.

Figura 7 — Segundo ponto de bifurcação na peça

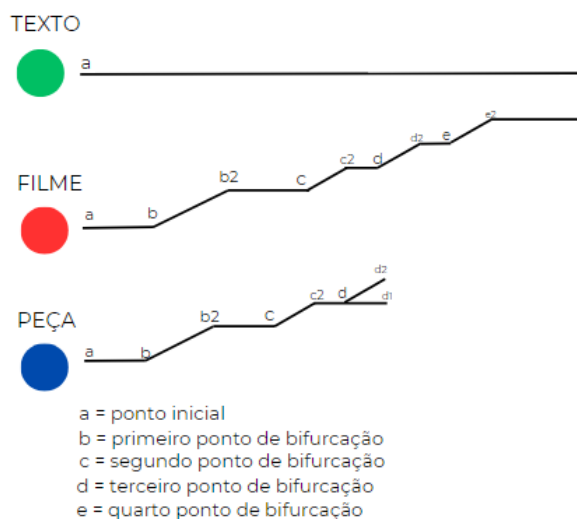


Fonte: Elaborado pelo autor (2024).

Os sistemas (filme e peça) são avaliados da mesma forma e com o mesmo número de possíveis bifurcações, levando a um gráfico muito parecido.

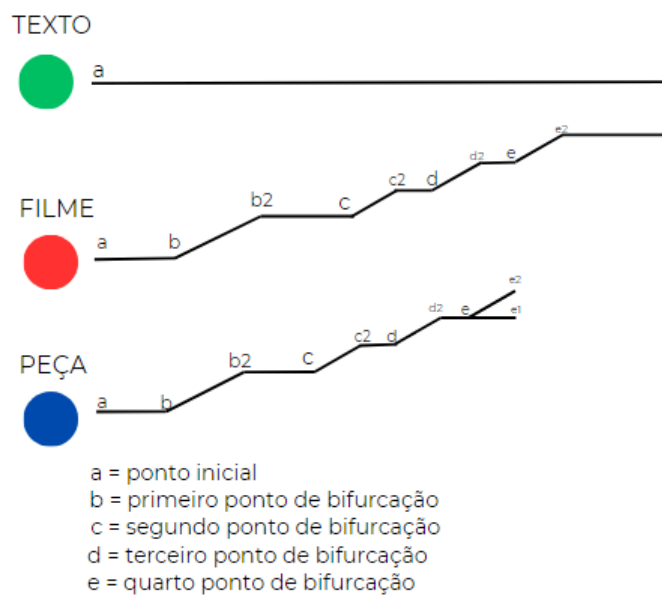
Abaixo deixo os próximos dois pontos de bifurcação da peça.

Figura 8 — Terceiro ponto de bifurcação da peça



Fonte: Elaborado pelo autor (2024).

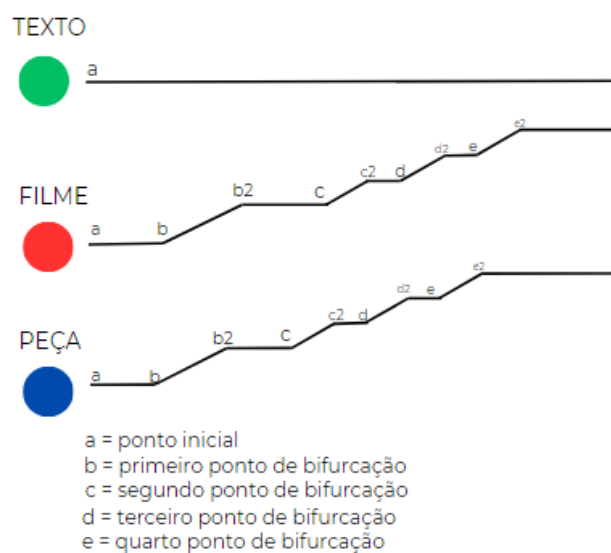
Figura 9 — Quarto ponto de bifurcação do filme



Fonte: Elaborado pelo autor (2024).

O gráfico final das bifurcações, onde são avaliados somente os pontos comuns entre os três casos, fica da seguinte forma:

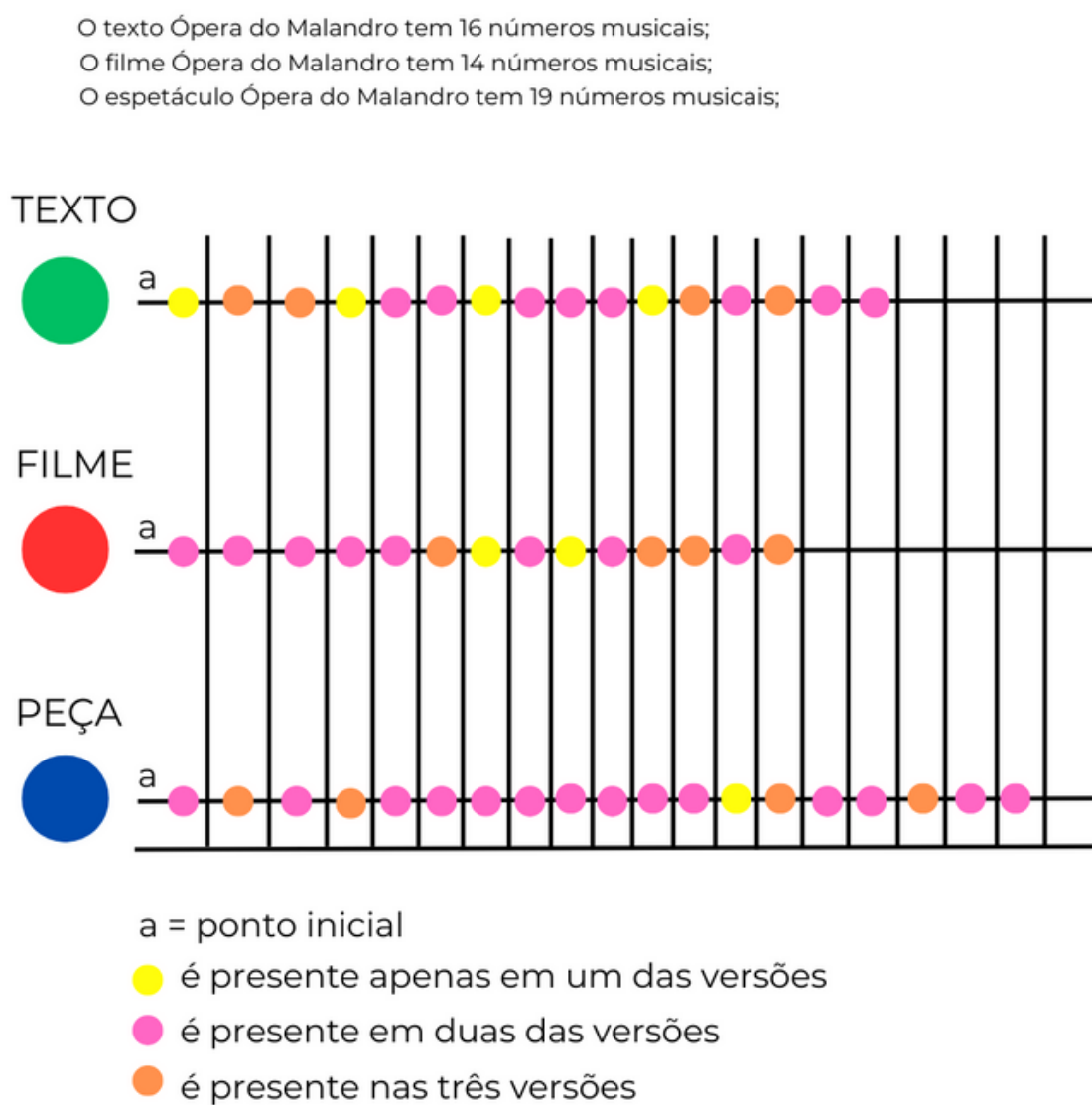
Figura 10 — Gráfico final estudo onde os parâmetros se repetem em todos os casos



Fonte: Elaborado pelo autor (2024).

Para elucidar a quantidade de possíveis bifurcações na análise dos casos separadamente, deixo aqui um gráfico onde é possível verificar a quantidade de possibilidades que ocorrem em um sistema instável:

Figura 11 — Gráfico geral - Possibilidades de bifurcações.



Fonte: Elaborado pelo autor (2024).

Figura 12 — Relação de músicas com os casos

Relação das músicas entre os casos

TEXTO	FILME	PEÇA
O Malandro	A Volta do Malandro	A Volta do Malandro
Viver do Amor	Las Muchachas de Copacabana	Viver do amor
Tango do Covil	Hino de Duran	Hino de Duran
Doze anos	Aquela Mulher	Tango do Covil
Casamento dos Pequenos Burgueses	Viver do Amor	Desafio do Malandro
Teresinha	Sentimental	O Casamento dos Pequenos Burgueses
Sempre em Frente	Desafio do Malandro	Teresinha
Homenagem ao Malandro	O Último Blues	Uma canção desnaturada
Folhetim	Palavra de Mulher	Somos as muchachas de copacabana
Ai, se Eles Me Pegam Agora	O meu amor	Homenagem ao malandro
Se Eu Fosse o Teu Patrão	Tango do Covil	Folhetim
O Meu Amor	Uma Canção Desnaturada	Ai, Se Eles Me Pegam Agora
Geni e o Zepelim	Pedaço de Mim	Hino da Repressão
Pedaço de Mim		O meu amor
Ópera		Palavra de Mulher
O Malandro N." 2		Geni e o Zepelim
		Pedaço de Mim
		Ópera
		O Malandro N." 2

Fonte: Elaborado pelo autor (2024).

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Durante o processo de escrita deste trabalho novas camadas foram sendo descobertas e trabalhadas. Uma dessas camadas foi tratar o texto escrito em 1978 como um texto instável em sua estrutura, ou seja, as músicas podem ser reorganizadas dentro do texto e ainda assim o texto se mantém sendo a Ópera do Malandro. Essa última observação é uma relação das versões com o paradoxo do Navio de Teseu, que faz o seguinte questionamento: imagine que Teseu parte, a navio, de um ponto A até um ponto B. Porém, ao longo da viagem, que durou cerca de 50 anos, as peças da embarcação vão sendo substituídas conforme se desgastam e, eventualmente, todas as partes teriam sido trocadas. Fica então o questionamento: o navio que chegou em B seria o mesmo que partira de A, ou já poderia ser considerado outro?

Diante do estudo apenas dos textos, das três versões, é viável dizer que são diferentes os textos e a montagem, assim o texto de 1978 é o navio que sai do ponto A, o filme de 1985 e a peça de 2003 são dois pontos B. Por mais que nessa análise o ponto A se bifurque em 2 pontos B, as duas versões posteriores ao texto de 1978, ainda são a Ópera do Malandro por conta dos demais elementos que compõem a história como, a ação dramática, personagens, unidade estética, músicas etc.

A pesquisa teve como objetivo investigar e analisar como diferentes versões de um mesmo objeto criam diversas possibilidades. Ao longo do desenvolvimento do trabalho, foram realizadas leituras de artigos, dissertações, jornais e revistas, os quais foram essenciais para o entendimento de cada momento que atravessou a pesquisa.

Em um primeiro momento de leitura, tive dificuldades em realizar o mesmo tipo de análise em versões que se diferem enquanto estrutura (texto, audiovisual e teatral), por conta disso optei por fazer um resumo do texto de 1978 que foi utilizado como base para a comparação na análise final, uma descrição do filme de 1985, para situar melhor o leitor de como se comportava tal obra, e uma análise mais aprofundada da montagem filmada de 2003, onde pude observar elementos teatrais que se repetem e que estão presentes durante todo o espetáculo.

Em um segundo momento a pesquisa tratou de colocar as três versões em relação, onde foi realizada a comparação das mesmas buscando flutuações e ruídos que alteravam de alguma forma o caminho traçado pelo autor do texto em 1978.

Os resultados se baseiam em teorias da física onde se destaca a teoria da bifurcação, os objetos analisados tinham o mesmo parâmetro (números musicais), por isso a análise poderia ser realizada.

Essa investigação proporcionou uma visão detalhada do espetáculo e um entendimento maior acerca de como textos teatrais se transformam, de sua criação a montagens posteriores.

Em conclusão a pesquisa contribuiu para o desenvolvimento acadêmico do aluno e ofereceu uma base de como se estudar textos teatrais e analisar apresentações de espetáculos.

REFERÊNCIAS

1928: Estreia "Ópera dos três vinténs", de Brecht-Weill. dw.com. Disponível em: <https://www.dw.com/pt-br/1928-estreia-%C3%B3pera-dos-tr%C3%AAs-vint%C3%A9ns-de-brecht-weill/a-619827>. Acesso em: 21 fev. 2024.

A MÖELLER & BOTELHO. Disponível em: <https://moellerbotelho.com.br/moeller-e-botelho/a-dupla/>. Acesso em: 23 mar. 2024.

ARDAIS, Débora Amorim Garcia. **Movimentos de escritura em John Gay, autor de 'The Beggar's Opera'** Dissertação (Pós-Graduação em Letras) - Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2008.

BIOGRAFIAS: Charles Möeller, Claudio Botelho. moellerbotelho.com.br. Disponível em: <https://moellerbotelho.com.br/moeller-e-botelho/a-historia/>. Acesso em: 23 mar. 2024.

BONFITTO, Matteo. Tecendo os sentidos: a dramaturgia como textura. **Pitágoras** 500, v. 1, n. 1, p. 56-61, 2011.

CHICO, Buarque: In: ENCICLOPÉDIA Itaú Cultural de Arte e Cultura Brasileira. São Paulo: Itaú Cultural, 2023. Disponível em: <http://enciclopedia.itaucultural.org.br/pessoa12512/chico-buarque>. Acesso em: 21 dez. 2023.

CORRÊA, Luís Antônio Martinez . **Luís Antônio Martinez Corrêa**. ENCICLOPÉDIA Itaú Cultural de Arte e Cultura Brasileira. São Paulo: Itaú Cultural, 2024. Disponível em: <https://enciclopedia.itaucultural.org.br/pessoa349395/luis-antonio-martinez-correa>. Acesso em: 23 mar. 2024.

CUNHA, Vasco Soares de Oliveira. Bertolt Brecht (1898–1956). Vida e Obra. **Millenium**, v. 45, p. 169-179, 2013.

CURY, José João. A quantificação da narrativa teatral. **Todas as Letras-Revista de Língua e Literatura**, v. 1, n. 1, 1999.

Fernández, Tomás y Tamaro, Elena: «Biografia de John Gay»: En Biografías y Vidas. La enciclopedia biográfica en línea [Internet].. Barcelona, España, 2004. Disponível em: <https://www.biografiasyvidas.com/biografia/g/gay.htm> . Acesso em: 21 dez. 2023.

FERREIRA, Marta Ap Paulo ; MARQUES, Murillo. O TEXTO FALADO: TRANSPOSIÇÃO DO TEXTO ESCRITO PARA O TEXTO FALADO NA PEÇA

TEATRAL ÓPERA DO MALANDRO DE CHICO BUARQUE DE HOLANDA..

Entheoria: Cadernos de Letras e Humanas ISSN 2446-6115, v. 2, n. 1, p. 132-146, 2015.

FILHO, Lindberg Campos. **Sobre A Ópera do Mendigo (1728) de John Gay**. medium.com. Disponível em: <https://medium.com/@bergfilho/em-1728-estreu-a-pe%C3%A7a-the-beggars-opera-a-%C3%B3pera-do-mendigo-do-ingl%C3%AAs-john-gay-e-que-logo-se-c403ded0709c>. Acesso em: 13 fev. 2024.

FRAZÃO, Dilva. **Chico Buarque de Holanda Músico, dramaturgo e escritor brasileiro**: Biografia de Chico Buarque de Holanda. ebiografia.com. Disponível em: https://www.ebiografia.com/chico_buarque/. Acesso em: 23 mar. 2024.

HOLLANDA, Chico Buarque de. **Ópera do Malandro**: Comédia Musical. 1 ed. São Paulo: Livraria Cultura Editora, 1978. 248 p.

JOHN Gay: 1685–1732. poetryfoundation.org. Disponível em: <https://www.poetryfoundation.org/poets/john-gay>. Acesso em: 13 fev. 2024.

LEONE, Sueli Regina. Três óperas às avessas: elos intertextuais . **Cadernos de Pós-Graduação em Letras** , v. 3, n. 1, p. 13-24, 2004.

LUÍS, Antônio Martinez Corrêa: In: ENCICLOPÉDIA Itaú Cultural de Arte e Cultura Brasileira. São Paulo: Itaú Cultural, 2023. Disponível em: <http://enciclopedia.itaucultural.org.br/pessoa349395/luis-antonio-martinez-correa>. Acesso em: 21 dez. 2023.

MORAIS, Paulo Coutinho Duarte Capela . **A Ópera dos três Vinténs (Kurt Weill / Bertold Brecht)**. sociologiarte.wordpress.com. Disponível em: <https://sociologiarte.wordpress.com/2013/06/14/a-opera-dos-tres-vintens-kurt-weill-bertold-brecht/>. Acesso em: 21 fev. 2024.

PERES, Miguel Sarmiento. **Estabilidade de colunas de nós com deslocamentos parcialmente restringidos**: 2011. Tese de Doutorado. Dissertação de Mestrado, UN: FCT, Lisboa.

REWALD, Rubens. **Caos/dramaturgia**. 2005.

RUY GUERRA: Biografia. adorocinema.com. Disponível em: <https://www.adorocinema.com/personalidades/personalidade-204/biografia/>. Acesso em: 23 mar. 2024.

TEATRO, Épico: In: ENCICLOPÉDIA Itaú Cultural de Arte e Cultura Brasileira. São Paulo: Itaú Cultural, 2023. Disponível em:

<http://enciclopedia.itaucultural.org.br/termo617/teatro-epico>. Acesso em: 21 dez. 2023.

TEIXEIRA, Thiago Praça . **Introdução à Ópera Italiana (de 1600 a 1800)**. claritaspulchri.com.br. Disponível em: <https://claritaspulchri.com.br/introducao-a-opera-italiana-de-1600-a-1800/>. Acesso em: 23 mar. 2024.

VALENTE, Augusto . **Mendigo, Três Vinténs, Malandro: a trajetória de uma antiópera**. DW.com. Disponível em: <https://www.dw.com/pt-br/mendigo-tr%C3%AAs-vint%C3%A9ns-malandro-a-trajet%C3%B3ria-de-uma-anti%C3%B3pera/a-16570794>. Acesso em: 13 fev. 2024.

ANEXO A — Canções dos casos analisados

6 CANÇÕES PRESENTES NO TEXTO 1978

1. “O malandro”

O malandro / Na dureza
 Senta à mesa / Do café
 Bebe um gole / De cachaça
 Acha graça / E dá no pé
 O garçom no / Prejuízo
 Sem sorriso / Sem freguês
 De passagem / Pela caixa
 Dá uma baixa / No português
 O galego / Acha estranho
 Que o seu ganho / Tá um horror
 Pega o lápis / Soma os canos
 Passa os danos / Pro
 distribuidor
 Mas o frete / Vê que ao todo
 Há engodo / Nos papéis
 E pra cima / Do alambique
 Dá um trambique / De cem mil
 réis
 O mineiro / Nessa luta
 Grita puta / Que o pariu
 Não é idiota / Trunca a nota
 Lesa o Banco / Do Brasil
 Nosso banco/Tá cotado
 No mercado/Exterior
 Então taxa/A cachaça

2. “Viver do Amor”

Pra se viver do amor
 Há que esquecer o amor
 Há que se amar
 Sem amar
 Sem prazer
 E com despertador
 — como um funcionário
 Há que penar no amor
 Pra se ganhar no amor
 Há que apanhar
 E sangrar
 E suar
 Como um trabalhador

A um preço/Assustador
 Mas os ianques/Com seus
 tanques
 Têm bem mais o/Que fazer
 E proíbem /Os soldados
 Aliados/De beber
 A cachaça/Tá parada
 Rejeitada/No barril
 O alambique/Tem chique
 Contra o Banco/Do Brasil
 O usineiro/Faz barulho
 Com orgulho/De produtor
 Mas a sua/Raiva cega
 Descarrega/No carregador
 Este chega/Pro galego
 Nega arreglo/Cobra mais
 A cachaça /Tá de graça
 Mas o frete/Como é que faz?
 O galego/Tá apertado
 Pro seu lado /Não tá bom
 Então deixa/Congelada
 A mesada/Do garçom
 O garçom vê/Um malandro
 Sai gritando/Pega ladrão
 E o malandro/Autuado
 É julgado e condenado culpado
 Pela situação

Ai, o amor
 Jamais foi um sonho
 O amor, eu bem sei
 Já provei
 E é um veneno medonho
 É por isso que se há de
 entender
 Que o amor não é um ócio
 E compreender
 Que o amor não é um vício
 O amor é sacrifício
 O amor é sacerdócio
 Amar
 É iluminar a dor
 como um missionário

3. “Tango do Covil”

Ai, quem me dera ser cantor
 Quem dera ser tenor
 Quem sabe ter a voz
 Igual aos rouxinóis
 Igual ao trovador
 Que canta os arreboís
 Pra te dizer gentil
 Bem-vinda
 Deixa eu cantar tua beleza
 Tu és a mais linda princesa
 Aqui deste covil
 Ai, quem me dera ser doutor
 Formado em Salvador
 Ter um diploma, anel
 E voz de bacharel
 Fazer em teu louvor
 Discursos a granel
 Pra te dizer gentil
 Bem-vinda
 Tu és a dama mais formosa
 E, ousa dizer, a mais gostosa
 Aqui deste covil
 Ai, quem me dera ser garçom
 Ter um sapato bom
 Quem sabe até talvez
 Ser um garçom francês
 Vaiar de champinhom
 Falar de molho inglês
 Pra te dizer gentil
 Bem-vinda
 És tão graciosa e tão miúda
 Tu és a dama mais tesuda
 Aqui deste covil
 Ai, quem me dera ser Gardel
 Tenor e bacharel

5. “Casamento dos Pequenos Burgueses”

Ele faz o noivo correto
 E ela faz que quase desmaia
 Vão viver sob o mesmo teto
 Até que a casa caia
 Até que a casa caia
 Ele é o empregado discreto
 Ela engoma o seu colarinho

Francês e rouxinol
 Doutor em champinhom
 Garçom em Salvador
 E locutor de futebol
 Pra te dizer febril
 Bem-vinda
 Tua beleza é quase um crime
 Tu és a bunda mais sublime
 Aqui deste covil

4. “Doze anos”

Ai que saudades que eu tenho
 Dos meus doze anos
 Que saudade ingrata
 Dar banda por aí
 Fazendo grandes planos
 E chutando lata
 Trocando figurinha
 Matando passarinho
 Colecionando minhoca
 Jogando muito botão
 Rodopiando pião
 Fazendo troca-troca
 Ai que saudades que eu tenho
 Duma travessura
 O futebol de rua
 Sair pulando muro
 Olhando fechadura
 E vendo mulher nua
 Comendo fruta no pé
 Chupando picolé
 Pé-de-moleque, paçoca
 E disputando troféu
 Guerra de pipa no céu
 Concurso de piroca

Vão viver sob o mesmo teto
 Até explodir o ninho
 Até explodir o ninho
 Ele faz o macho irrequieto
 E ela faz crianças de monte
 Vão viver sob o mesmo teto
 Até secar a fonte
 Até secar a fonte
 Ele é o funcionário completo
 E ela aprende a fazer suspiros

Vão viver sob o mesmo teto
 Até trocarem tiros
 Até trocarem tiros
 Ele tem um caso secreto
 Ela diz que não sai dos trilhos
 Vão viver sob o mesmo teto
 Até casarem os filhos
 Até casarem os filhos
 Ele fala de cianureto
 E ela sonha com formicida
 Vão viver sob o mesmo teto
 Até que alguém decida
 Até que alguém decida
 Ele tem um velho projeto
 Ela tem um monte de estrias
 Vão viver sob o mesmo teto
 Até o fim dos dias
 Até o fim dos dias
 Ele às vezes cede um afeto
 Ela só se despe no escuro
 Vão viver sob o mesmo teto
 Até um breve futuro
 Até um breve futuro
 Ela esquenta a papa do neto
 E ele quase que fez fortuna
 Vão viver sob o mesmo teto
 Até que a morte os uma
 Até que a morte os uma

6. “Teresinha”

O primeiro me chegou
 Como quem vem do florista
 Trouxe um bicho de pelúcia
 Trouxe um broche de ametista
 Me contou suas viagens
 E as vantagens que ele tinha
 Me mostrou o seu relógio
 Me chamava de rainha
 Me encontrou tão desarmada
 Que tocou meu coração
 Mas não me negava nada
 E assustada eu disse não
 O segundo me chegou
 Como quem chega do bar
 Trouxe um litro de aguardente
 Tão amarga de tragar
 Indagou o meu passado
 E cheirou minha comida

Vasculhou minha gaveta
 Me chamava de perdida
 Me encontrou tão desarmada
 Que arranhou meu coração
 Mas não me entregava nada
 E assustada eu disse não
 O terceiro me chegou
 Como quem chega do nada
 Ele não me trouxe nada
 Também nada perguntou
 II

Mal sei como ele se chama
 Mas entendo o que ele quer
 Se deitou na minha cama
 E me chama de mulher
 Foi chegando sorrateiro
 E antes que eu dissesse não
 Se instalou feito um posseiro
 Dentro do meu coração

7. “Sempre em Frente”

Sempre em frente
 Sempre em frente
 Mãos-de-obra sem temor
 Mãos ardentes
 Em corrente
 Prum futuro de esplendor
 Nós daremos nossas pernas
 Nós daremos nossos braços
 Ao senhor dos nossos gestos
 Ao senhor dos nossos passos
 Somos a musculatura
 Nervos, tripas e pulmão
 A serviço
 Da cabeça
 Que conduz um corpo são
 Sempre em frente
 Sempre em frente
 Etc.

8. “Homenagem ao Malandro”

Eu fui fazer
 Um samba em homenagem
 A nata da malandragem
 Que conheço de outros
 carnavais
 Eu fui à Lapa

E perdi a viagem
 Que aquela tal malandragem
 Não existe mais
 Agora já não é normal
 O que dá de malandro
 Regular, profissional
 Malandro com aparato
 De malandro oficial
 Malandro candidato
 A malandro federal
 Malandro com retrato
 Na coluna social
 Malandro com contrato
 Com gravata e capital
 Que nunca se dá mal
 Mas o malandro pra valer
 Só espalha
 Aposentou a navalha
 Tem mulher e filho
 E tralha e tal
 Dizem as más línguas
 Que ele até trabalha
 Mora lá longe e chacoalha
 Num trem da Central

9. "Folhetim"

Se acaso me quiseses
 Sou dessas mulheres
 Que só dizem sim
 Por uma coisa à toa
 Uma noitada boa
 Um cinema, um botequim
 E se tiveres renda
 Aceito uma prenda
 Qualquer coisa assim
 Como uma pedra falsa
 Um sonho de valsa
 Ou um corte de cetim
 E eu te farei as vontades
 Direi meias verdades
 Sempre à meia-luz
 E te farei, vaidoso, supor
 Que és o maior
 E que me possuis
 Mas na manhã seguinte
 Não conta até vinte
 Te afasta de mim
 Pois já não vales nada

És página virada
 Descartada do meu folhetim

10. "Aí, se Eles Me Pegam Agora"

Ai, se mamãe me pega agora
 De anágua e de combinação
 Será que ela me leva embora
 Ou não
 Será que vai ficar sentida
 Será que vai me dar razão
 Chorar sua vida vivida
 Em vão
 Será que faz mil caras feias
 Será que vai passar carão
 Será que calça as minhas meias
 E sai deslizando
 Pelo salão
 suas
 Eu quero que mamãe me veja
 Pintando a boca em coração
 Será que vai morrer de inveja
 Ou não
 Ai, se o papai me pega agora
 Abrindo o último botão
 Será que ele me leva embora
 Ou não
 Será que fica enfurecido
 Será que vai me dar razão
 Chorar o seu tempo vivido
 Em vão
 Será que ele me trata a tapa
 E me sapeca um pescoço
 Ou abre um cabaré na Lapa
 E aí me contrata
 Como atração
 Será que me põe de castigo
 Será que ele me estende a mão
 Será que o pai dança comigo
 Ou não
*Max executa um solo de
 sapateado; em seguida elas
 retomam a canção.*
 Será que me põe de castigo
 Será que ele me estende a mão
 Será que o pai dança comigo
 Ou não

11. “Se Eu Fosse o Teu Patrão”

ELES

Eu te adivinhava
E te cobiçava
E te arrematava em leilão
Te ferrava a boca, morena
Se eu fosse o teu patrão
Ai, eu te tratava
Como uma escrava
Ai, eu não te dava perdão
Te rasgava a roupa, morena
Se eu fosse o teu patrão
Eu te encarcerava
Te acorrentava
Te atava ao pé do fogão
Não te dava sopa, morena
Se eu fosse o teu patrão
Eu te encurralava
Te dominava
Te violava no chão
Te deixava rota, morena
Se eu fosse o teu patrão
Quando tu quebrava
E tu desmontava
E tu não prestava mais não
Eu comprava outra morena
Se eu fosse o teu patrão

ELAS

Pois eu te pagava direito
Soldo de cidadão
Punha uma medalha em teu
peito
Se eu fosse o teu patrão
O tempo passava sereno
E sem reclamação
Tu nem reparava, moreno
Na tua maldição
E tu só pegava veneno
Beijando a minha mão
Ódio te brotava, moreno
Ódio do teu irmão
Teu filho pegava gangrena
Raiva, peste e sezão
Cólera na tua morena
E tu não chiava não
Eu te dava café pequeno
E manteiga no pão

Depois te afagava, moreno
Como se afaga um cão
Eu sempre te dava esperança
Dum futuro hão
Tu me idolatrava, criança
Se eu fosse o teu patrão

12. “O Meu Amor”

TERESINHA

O meu amor
Tem um jeito manso que é só
seu
E que me deixa louca
Quando me beija a boca
A minha pele toda fica arrepiada
E me beija com calma e fundo
Até minh'alma se sentir beijada

LÚCIA

O meu amor
Tem um jeito manso que é só
seu
Que rouba os meus sentidos
Viola os meus ouvidos
Com tantos segredos
Lindos e indecentes
Depois brinca comigo
Ri do meu umbigo
E me crava os dentes

AS DUAS

Eu sou sua menina, viu?
E ele é o meu rapaz
Meu corpo é testemunha
Do bem que ele me faz

LÚCIA

Meu amor
Tem um jeito manso que é só
seu
De me deixar maluca
Quando me roça a nuca
E quase me machuca
Com a barba mal feita
E de pousar as coxas
Entre as minhas coxas
Quando ele se deita

TERESINHA

O meu amor
Tem um jeito manso que é só
seu
De me fazer rodeios
De me beijar os seios
Me beijar o ventre
E me beijar o sexo
E o mundo sai rodando
E tudo vai ficando
Solto e desconexo

AS DUAS

Eu sou sua menina, viu?
E ele é o meu rapaz
Meu corpo é testemunha
Do bem que ele me faz

13. “Geni e o Zepelim”

De tudo que é nego torto
Do manguê e do cais do porto
Ela já foi namorada
O seu corpo é dos errantes
Dos cegos, dos retirantes
É de quem não tem mais nada
Foi assim desde menina
Das lésbicas, concubina
Dos pederastas, amásio
É a rainha dos detentos
Das loucas, dos lazarentos
Dos moleques de ginásio
E também dá-se amiúde
Aos velhinhos sem saúde
E às viúvas sem porvir
Ela é um poço de bondade
E é por isso que a cidade
Vive sempre a repetir

COM CORO

Joga pedra na Geni
joga bosta na Geni
Ela é feita pra apanhar
Ela é boa de cuspir
Ela dá pra qualquer um
Maldita Geni
Um dia surgiu, brilhante
Entre as nuvens, flutuante
Um enorme zepelim

Pairou sobre os edifícios
Abriu dois mil orifícios
Com dois mil canhões assim
A cidade apavorada
Se ficou paralisada
Pronta pra virar geléia
Mas do zepelim gigante
Desceu o seu comandante
Dizendo Mudei de idéia
Quando vi nesta cidade
Tanto horror e iniquidade
Resolvi tudo explodir
Mas posso evitar o drama
Se aquela formosa dama
Esta noite me servir

COM CORO

Essa dama era Geni
Mas não pode ser Geni
Ela é feita pra apanhar
Ela é boa de cuspir
Ela dá pra qualquer um
Maldita Geni
Mas, de fato, logo ela
Tão coitada e tão singela
Cativara o forasteiro
O guerreiro tão vistoso
Tão temido e poderoso
Era dela, prisioneiro
Acontece que a donzela
e isso era segredo dela
Também tinha seus caprichos
E a deitar com homem tão
nobre
Tão cheirando a brilho e a cobre
Preferia amar com os bichos
Ao ouvir tal heresia
A cidade em romaria
Foi beijar a sua mão
O prefeito de joelhos
O bispo de olhos vermelhos
E o banqueiro com um milhão

COM CORO

Vai com ele, vai, Geni
Vai com ele, vai, Geni
Você pode nos salvar
Você vai nos redimir
Você dá pra qualquer um

Bendita Geni
 Foram tantos os pedidos
 Tão sinceros, tão sentidos
 Que ela dominou seu asco
 Nessa noite lancinante
 Entregou-se a tal amante
 Como quem dá-se ao carrasco
 Ele fez tanta sujeira
 Lambuzou-se a noite inteira
 Até ficar saciado
 E nem bem amanhecia
 Partiu numa nuvem fria
 Com seu zepelim prateado
 Num suspiro aliviado
 Ela se virou de lado
 E tentou até sorrir
 Mas logo raiou o dia
 E a cidade em cantoria
 Não deixou ela dormir

COM CORO

joga pedra na Geni
 Joga bosta na Geni
 Ela é feita pra apanhar
 Ela é boa de cuspir
 Ela dá pra qualquer um
 Maldita Geni

14. “Pedaço de Mim”

TERESINHA
 Oh, pedaço de mim
 Oh, metade afastada de mim
 Leva o teu olhar
 Que a saudade é o pior
 tormento
 É pior do que o esquecimento

15. Orquestra dá acorde seco que introduz a ópera. Do fundo do palco vem surgindo João Alegre, sentado ao volante de um conversível modelo anos 40. De agora em diante, tudo será cantado.

JOÃO ALEGRE
 Telegrama
 Do Alabama
 Pro senhor Max
 Overseas
 Ai, meu Deus do céu
 Me sinto tão feliz

É pior do que se entrevar

MAX

Oh, pedaço de mim
 Oh, metade exilada de mim
 Leva os teus sinais
 Que a saudade dói como um
 barco
 Que aos poucos descreve um
 arco
 E evita atracar no cais

TERESINHA

Oh, pedaço de mim
 Oh, metade arrancada de mim
 Leva o vulto teu
 Que a saudade é o revés de um
 parto
 A saudade é arrumar o quarto
 Do filho que já morreu

MAX

Oh, pedaço de mim
 Oh, metade amputada de mim
 Leva o que há de ti
 Que a saudade dói latejada
 É assim como uma fígada
 No membro que já perdi

OS DOIS

Oh, pedaço de mim
 Oh, metade adorada de mim
 Lava os olhos meus
 Que a saudade é o pior castigo
 E eu não quero levar comigo
 A mortalha do amor
 Adeus

TERESINHA

Chegou a confirmação
 Da United coisa e tal
 Que nos passa a concessão
 Vara o náilon tropical

MAX
Então nós vamos montar
Em São Paulo um fabricão

TERESINHA
Depois vamos exportar
Fio de náilon pro Japão

MAX
Sei que o náilon tem valor
Mas começa a me enjoar
Tive idéia bem melhor
Nós vamos ramificar

TERESINHA
Já ramifiquei, ha há
Fiz acordo com a Shell
Coca-Cola, RCA
E vai ser sopa no mel

CORO
Que beleza
Que riqueza
Tá chovendo
Da matriz
Ai, meu Deus do céu
Me sinto tão feliz

MAX
Que tal juntarmos
Esses capitais
Pra abrir um banco
Em Minas Gerais

TERESINHA
Que brilhante idéia, meu amor
Que plano original
Com fundos do exterior
Você fundar
Um banco nacional

CAPANGAS
E eu que já fui
Um pobre marginal
Sem documento
E sem moral
Hei de ser um bom profissional
Vou ser quase um doutor
Continuo da senhora

E do senhor
Bancário ou contador

CORO
Que sucesso
O progresso
Corta o mal
Pela raiz
Ai, meu Deus do céu
Me sinto tão feliz

CHAVES
Irmão
Nem começar eu sei
Receio te inibir

MAX
Sua vontade é lei
É falar
É mandar
É exigir

CHAVES
É que
Num mundo tão cruel
Cheio de inveja e fel
Não lhe fará mal
Ter à mão
Proteção
Policia
Quer os meus préstimos?

MAX
Eu acho ótimo
BARRABÁS
Serve um acólito?

MAX
Também
Vou te empregar

LÚCIA
Eu não
Tenho com quem deixar
Meu filho que já vem

MAX
Barrabás é um par
Exemplar

Quer casar

BARRABÁS
E adoro neném

CORO
Maravilha
Que família
Dois pombinhos
E um petiz
Ai, meu Deus do céu
Me sinto tão feliz

VITÓRIA
Só tenho um único
Breve reparo
A tão preclaro
Genro viril
É o esquecimento
Do sacramento
Afinal
Se casou
Só no civil
Oh, oh, oh
Oh, oh, oh
Só no civil
Oh, oh, oh
Oh, oh, oh
Só no civil

MAX
Mas nesse íterim
Mudei de crença
Já peço a bênção
No santo altar

VITÓRIA
Que maravilha
Não perco a filha
E um varão
Bonitão
Eu vou ganhar
Ah, ah, ah
Ah, ah, ah
Eu vou ganhar
Ah, ah, ah
Ah, ah, ah
Eu vou ganhar

DURAN

Minha filha, eu desejo pedir teu perdão

TERESINHA

Oh, meu pai, isso é bom demais! Finalmente! Até que enfim!

DURAN

Não sei como fui pra você tão durão
Tão mandão, tão sem coração,
tão malvado assim

MAX

Meu sogro, o senhor não sabe quanta alegria
Me dá, ao dizer que já se juntou aos nossos

DURAN

Só Deus sabe há quanto tempo eu tanto queria
Poder apertar esses ossos

CORO

Que alegria
Quem diria
Como os grandes
São gentis
Ai, meu Deus do céu
Me sinto tão feliz

DURAN

Não quero ser
Nas suas costas um fardo
Porém
Talvez
Eu necessite um resguardo

MAX

Tua instituição
Tão tradicional
Vai ter um padrão
Moderno
Cristão e ocidental

PUTAS

Vamos participar
Dessa evolução
Vamos todas entrar
Na linha de produção
Vamos abandonar
O sexo artesanal
Vamos todas amar
Em escala industrial

GENI
O sol nasceu
No mar de Copacabana
Pra quem viveu
Só de café e banana

TODOS
Tem gilete, Kibon
Lanchonete, neon

Petróleo
Cinemascope, sapólio
Ban-lon
Shampoo, tevê
Cigarros longos e finos
Blindex fume
Já tem napalm e Kolinós
Tem cassete e rai-ban
Camionete e sedan
Que sonho
Corcel, Brasília, plutônio
Shazam
Que orgia
Que energia
Reina a paz
No meu país
Ai, meu Deus do céu
Me sinto tão feliz

16. O Malandro N." 2

O malandro/Tá na greta
Na sarjeta/Do país
E quem passa/Acha graça
Na desgraça/Do infeliz
O malandro /Tá de coma
Hematoma/No nariz
E rasgando/Sua bunda
Uma funda/Cicatriz
O seu rosto/Tem mais mosca
Que a birosca/Do Mane
O malandro/É um presunto

De pé junto/E com chulé
O coitado/Foi encontrado
Mais furado/Que Jesus
E do estranho/Abdômen
Desse homem/Jorra pus
O seu peito/Putrefeito
Tá com jeito/De pirão
O seu sangue/Forma lagos
E os seus bagos/Estão no chão
O cadáver/Do indigente
É evidente/Que morreu
E no entanto/Ele se move
Como prova/O Galileu

7 CANÇÕES PRESENTES NO FILME DE 1985

1. "A Volta do Malandro"

Eis o malandro na praça outra
vez
Caminhando na ponta dos pés
Como quem pisa nos corações
Que rolaram dos cabarés
Entre deusas e bofetões
Entre dados e coronéis
Entre parangolés e patrões
O malandro anda assim de viés

Deixa balançar a maré
E a poeira assentar no chão
Deixa a praça virar um salão
Que o malandro é o barão da
ralé

2. "Las Muchachas de Copacabana"

Se o cliente quer rumbeira, tem
Com tempero da baiana

Somos Las Muchachas de
Copacabana
Somos Las Muchachas de
Copacabana

Cubanita brasileira tem
Com sombreiro à mexicana
Somos Las Muchachas de
Copacabana
Somos Las Muchachas de
Copacabana

Mamãe, desculpa meus erros
de caligrafia
Lembrança da filha
Que brilha aqui na capital
É uma estrela internacional
Tua filha na capital
É uma estrela internacional

O gringo tem
Um domingo com a havaiana
Somos Las Muchachas de
Copacabana
Somos Las Muchachas de
Copacabana

Se quer uma pecadora, tem
Uma loura muçulmana
Somos Las Muchachas de
Copacabana
Somos Las Muchachas de
Copacabana

Mamãe, pro mês eu lhe mando
umas economias
Lembrança da filha
Que brilha aqui na capital
É uma estrela internacional
Tua filha na capital
É uma estrela internacional

3. "Geni"

Joga pedra na Geni!
Joga bosta na Geni!
Ela é feita pra apanhar!
Ela é boa de cuspir!
Ela dá pra qualquer um!

Maldita Geni!

4. "Hino de Duran"

Se tu falas muitas
Palavras sutis
E gostas de senhas
Sussurros ardis
A lei tem ouvidos
Pra te delatar
Nas pedras do teu próprio lar
Se trazes no bolso
A contravenção
Muambas, baganas
E nem um tostão
A lei te vigia
Bandido infeliz
Com seus olhos de raios X
Se vives nas sombras
Frequentas porões
Se tramas assaltos ou
revoluções
A lei te procura amanhã de
manhã
Com seu faro de doberman
E se definitivamente a
sociedade
Só te tem desprezo e horror
E mesmo nas galeras és nocivo
És um estorvo, és um tumor
A lei fecha o livro
Te pregam na cruz
Depois chamam os urubus

5. "Aqueela Mulher"

Se você quer mesmo saber
Por que que ela ficou comigo
Eu digo que não sei
Se ela ainda tem seu endereço
Ou se lembra de você
Confesso que não perguntei

As nossas noites são
Feito oração na catedral
Não cuidamos do mundo
Um segundo sequer
Que noites de alucinação
Passo dentro daquela mulher

Com outros homens, ela só me diz
 Que sempre se exibiu
 E até fingiu sentir prazer
 Mas nunca soube, antes de mim
 Que o amor vai longe assim
 Não foi você quem quis saber?

As nossas noites são
 Feito oração na catedral
 Não cuidamos do mundo
 Um segundo sequer
 Que noites de alucinação
 Passo dentro daquela mulher
 Com outros homens, ela só me diz
 Que sempre se exibiu
 E até fingiu sentir prazer
 Mas nunca soube, antes de mim
 Que o amor vai longe assim
 Não foi você quem quis saber?

6. "Viver do Amor"

Pra se viver do amor
 Há que esquecer o amor
 Há que se amar
 Sem amar
 Sem prazer
 E com despertador

Há que penar no amor
 Pra se ganhar no amor
 Há que apanhar
 E sangrar
 E suar
 Como um trabalhador

Ai, o amor
 Jamais foi um sonho
 O amor é feroz
 Faz em nós um estrago
 medonho
 É por isso que se à
 De entender
 Que amar não é um ócio
 Se precaver
 Que amar não é um vício
 Amar é um sacrifício

Amar é um sacerdócio
 A luz do abajur

É por isso que se há de
 entender
 Que o amor não é um ócio
 Se precaver
 Que o amar não é um vício
 O amor é um nobre ofício
 O amor é um bom negócio

7. "Sentimental"

Sentimental, sentimental
 Um coração saliente
 Bate e bate muito mais que
 sente
 Fica doente mas é natural,
 natural
 Que num cochilo de agosto
 Surja um outro alguém do sexo
 oposto
 Do sexo oposto outro alguém
 Ontem vi tudo acabado
 Meu céu desastrado
 Medo, solidão, ciúme
 Hoje contei as estrelas
 E a vida parece um filme
 Gemini, gemini, geminiano
 Este ano vai ser o seu ano
 Ou se não, o destino não quis
 Ah, eu hei de ser
 Terei de ser
 Serei feliz
 Serei feliz, feliz
 Façam muitas manhãs
 Que se o mundo acabar
 Eu ainda não fui feliz
 Atrapalhem os pés
 Dos exércitos, dos pelotões
 Eu não fui feliz
 Desmantelem no cais
 Os navios de guerra
 Eu ainda não fui feliz
 Paralitem no céu
 Todos os aviões
 É urgente, eu não fui feliz
 Tenho dezesseis anos
 Sou morena clara, atraente

Sentimental, sentimental
Sentimental, sentimental

8. “Desafio do Malandro”

Você tá pensando que é da alta sociedade

Ou vai montar exposição de souvenir de gringo

Ou foi fazer a fé no bingo em chá de caridade

Eu não sei não, eu não sei não

Só sei que você vem com five o'clock, very well, my friend

A curriola leva um choque, nego não entende

E deita e rola e sai comentando

Que grande malandro é você

- Você tá fazendo piada ou vai querer que eu chore

A sua estampa eu já conheço do museu do império

Ou mausoléu de cemitério, ou feira de folclore

Eu não sei não, eu não sei não

Só sei que você vem com reco-reco, berimbau, farofa

A curriola tem um treco, nego faz galhofa

E deita e rola e sai comentando

Que grande malandro é você

- Você que era um sujeito tipo jovial

Agora até mudou de nome

- Você infelizmente continua igual

Fala bonito e passa fome

- Vai ver que ainda vai virar trabalhador

Que horror

- Trabalho a minha nega e morro de calor

- Falta malandro se casar e ser avô

- Você não sabe nem o que é o amor

Malandro infeliz

- Amor igual ao seu, malandro tem quarenta e não diz

- Respeite uma mulher que é boa e me sustenta

- Ela já foi aposentada

- Ela me alisa e me alimenta

- A bolsa dela tá furada

- E a sua mãe tá na rua

- Se você nunca teve mãe, eu não posso falar da sua

- Eu não vou sujar a navalha nem sair no tapa

- É mais sutil sumir da Lapa

- Eu não jogo a toalha

- Onde é que acaba essa batalha?

- Em fundo de caçapa

- Eu não sei não, eu não sei não

- Só sei que você perde a compostura quando eu pego o taco

A curriola não segura, nego coça o saco

E deita e rola e sai comentando que grande malandro é você

9. “O Último Blues”

Essa menina que você seduz

E um dia depois
 Sem mais nem mais, esquece
 Ela, no fundo, é uma atriz
 Quando beija a sua boca
 E nada acontece
 Essa menina que você seduz
 Agora é uma atriz
 Saída de outro peça
 Chamada "Doces Ardis..."
 Quando beija a sua boca
 Ela começa a fraquejar
 Por onde anda a sua mão
 Você só quer se aproveitar
 E ela delira
 Rodopiando no salão
 Os dois parecem um casal
 Mas é mentira
 Essa menina pode ir pro Japão
 Na vida real
 Você é quem enlouquece
 Apaga a última luz
 E nos cantos do seu quarto
 A figura dela fosforesce
 Ao som do último blues
 Na Rádio Cabeça
 Se puder esqueça
 A menina que você seduz

10. "Palavra de Mulher"

Vou voltar
 Haja o que houver, eu vou voltar
 Já te deixei jurando nunca mais
 olhar pra trás
 Palavra de mulher, eu vou voltar
 Posso até
 Sair de bar em bar, falar
 besteira
 E me enganar
 Com qualquer um deitar
 A noite inteira
 Eu vou te amar
 Vou chegar
 A qualquer hora ao meu lugar
 E se uma outra pretendia um
 dia te roubar
 Dispensa essa vadia
 Eu vou voltar
 Vou subir

A nossa escada, a escada, a
 escada, a escada
 Meu amor, eu vou partir
 De novo e sempre, feito viciada
 Eu vou voltar
 Pode ser
 Que a nossa história
 Seja mais uma quimera
 E pode o nosso teto, a Lapa, o
 Rio desabar
 Pode ser
 Que passe o nosso tempo
 Como qualquer primavera.
 Espera
 Me espera
 Eu vou voltar

11. "O meu amor"

O meu amor
 Tem um jeito manso que é só
 seu
 E que me deixa louca
 Quando me beija a boca
 A minha pele toda fica arrepiada
 E me beija com calma e fundo
 Até minh'alma se sentir beijada,
 ai
 O meu amor
 Tem um jeito manso que é só
 seu
 Que rouba os meus sentidos
 Viola os meus ouvidos
 Com tantos segredos lindos e
 indecentes
 Depois brinca comigo
 Ri do meu umbigo
 E me crava os dentes, ai
 Eu sou sua menina, viu?
 E ele é o meu rapaz
 Meu corpo é testemunha
 Do bem que ele me faz
 O meu amor
 Tem um jeito manso que é só
 seu
 De me deixar maluca
 Quando me roça a nuca
 E quase me machuca com a
 barba malfeita

E de pousar as coxas entre as
minhas coxas
Quando ele se deita
O meu amor
Tem um jeito manso que é só
seu
De me fazer rodeios
De me beijar os seios
Me beijar o ventre
E me deixar em brasa
Desfruta do meu corpo
Como se o meu corpo fosse a
sua casa, ai
Eu sou sua menina, viu?
E ele é o meu rapaz
Meu corpo é testemunha
Do bem que ele me faz

12. “Tango do Covil”

Ai, quem me dera ser cantor
Quem dera ser tenor
Quem sabe ter a voz
Igual aos rouxinóis
Igual ao trovador
Que canta os arreboís
Pra te dizer gentil
Bem-vinda
Deixa eu cantar tua beleza
Tu és a mais linda princesa
Aqui deste covil

Ai, quem me dera ser doutor
Formado em Salvador
Ter um diploma, anel
E voz de bacharel
Fazer em teu louvor
Discursos a granel
Pra te dizer gentil
Bem-vinda
Tu és a dama mais formosa
E, ousa dizer, a mais gostosa
Aqui deste covil

Ai, quem me dera ser garçom
Ter um sapato bom
Quem sabe até talvez
Ser um garçom francês
Falar de champinhom

Falar de molho inglês
Pra te dizer gentil
Bem-vinda
És tão graciosa e tão miúda
Tu és a dama mais tesuda
Aqui deste covil

Ai, quem me dera ser Gardel
Tenor e bacharel
Francês e rouxinol
Doutor em champinhom
Garçom em Salvador
E locutor de futebol
Pra te dizer febril
Bem-vinda
Tua beleza é quase um crime
Tu és a bunda mais sublime
Aqui deste covil

13. “Uma Canção Desnaturada”

Por que cresceste, curuminha
Assim depressa e estabanada
Saíste maquiada
Dentro do meu vestido
Se fosse permitido
Eu revertia o tempo
Para reviver a tempo
De poder

Te ver as pernas bambas,
curuminha
Batendo com a moleira
Te emporcalhando inteira
E eu te negar meu colo
Recuperar as noites, curuminha
Que atravesssei em claro
Ignorar teu choro
E só cuidar de mim

Deixar-te arder em febre,
curuminha
Cinquenta graus, tossir, bater o
queixo
Vestir-te com desleixo
Tratar uma ama-seca
Quebrar tua boneca, curuminha
Raspar os teus cabelos
E ir te exibindo pelos

Botequins

Tornar azeite o leite
Do peito que mirraste
No chão que engatinhaste
Salpicar mil cacos de vidro
Pelo cordão perdido
Te recolher pra sempre
À escuridão do ventre,
curuminha
De onde não deverias
Nunca ter saído

14. Pedaco de Mim

Oh, pedaco de mim
Oh, metade afastada de mim
Leva o teu olhar
Que a saudade é o pior
tormento
É pior do que o esquecimento
É pior do que se entrevar
Oh, pedaco de mim
Oh, metade exilada de mim
Leva os teus sinais

Que a saudade dói como um
barco
Que aos poucos descreve um
arco
E evita atracar no cais
Oh, pedaco de mim
Oh, metade arrancada de mim
Leva o vulto teu
Que a saudade é o revés de um
parto
A saudade é arrumar o quarto
Do filho que já morreu
Oh, pedaco de mim
Oh, metade amputada de mim
Leva o que há de ti
Que a saudade dói latejada
É assim como uma fígada
No membro que já perdi
Oh, pedaco de mim
Oh, metade adorada de mim
Lava os olhos meus
Que a saudade é o pior castigo
E eu não quero levar comigo
A mortalha do amor
Adeus

8 CANÇÕES PRESENTES NA PEÇA DE 2003

1. “A Volta do Malandro”

Eis o malandro na praça outra
vez
Caminhando na ponta dos pés
Como quem pisa nos corações
Que rolaram dos cabarés (Solo
Homem)
Entre deusas e bofetões
Entre dados e coronéis
Entre parangolés e patrões
(Solo Mulher)
O malandro anda assim de viés
(Dueto)
Deixa balançar a maré (Solo
homem)

E a poeira assentar no chão
(Solo Mulher)
Deixa a praça virar um salão
(Dueto)
Que o malandro é o barão (Solo
Homem)
Que o malandro é o barão (Solo
Mulher)
Que o malandro é o barão
(Dueto)
Eis o malandro na praça outra
vez (Coro)
(O malandro na praça outra vez)
(Coro Secundário)
Caminhando na ponta dos pés
(Coro)

(ponta dos pés) (Coro Secundário)
 Como quem pisa nos corações
 Coração coração (Coro Secundário)
 Que rolaram dos cabarés
 Entre deusas e bofetões
 Entre dados e coronéis
 Entre parangolés e patrões
 O malandro anda assim de viés
 Deixa balançar a maré
 E a poeira assentar no chão
 Deixa a praça virar um salão
 Que o malandro é o barão da ralé (Coro)

2. “Viver do amor”

Pra se viver do amor
 Há que esquecer o amor
 Há que se amar
 Sem amar
 Sem prazer
 E com despertador
 Como um funcionário
 Há que penar no amor
 Pra se ganhar no amor
 Há que apanhar
 E sangrar
 E suar
 Como um trabalhador
 Ai, o amor
 Jamais foi um sonho
 O amor, eu bem sei
 Já provei
 E é um veneno medonho
 É por isso que se há de entender
 Que o amar não é um ócio
 Se precaver
 Que o amar não é um vício
 O amor é um nobre ofício
 O amor é um bom negócio
 A luz do abajur
 Ai, o amor
 Jamais foi um sonho
 O amor é feroz
 Faz em nós um estrago medonho

É por isso que se à
 De entender
 Que amar não é um ócio
 Se precaver
 Que amar não é um vício
 O amor é um nobre ofício
 O amor é um bom negócio
 A luz do abajur
 Vai minha filha Agora vai!
 E que deus te proteja
 Pra se viver do amor.

3. “Hino de Duran”

Se tu falas muitas
 Palavras sutis
 Se gostas de senhas
 Sussurros ardis
 A lei tem ouvidos
 Pra te delatar
 Nas pedras do teu próprio lar
 Se trazes no bolso
 A contravenção
 Muambas, baganas
 E nem um tostão
 A lei te vigia
 Bandido infeliz
 Com seus olhos de raios X
 Se vives nas sombras
 Frequentas porões
 Se tramas assaltos ou revoluções
 A lei te procura amanhã de manhã
 Com seu faro de doberman
 E se definitivamente a sociedade
 Só te tem desprezo e horror
 E mesmo nas galeras és nocivo
 És um estorvo, és um tumor
 A lei fecha o livro
 Te pregam na cruz
 Depois chamam os urubus

4. “Tango do Covil”

General Eletric - Trabalha com eletrodomésticos

Ai, quem me dera ser cantor
 Quem dera ser tenor
 Quem sabe ter a voz
 Igual aos rouxinóis
 Igual ao trovador
 Que canta os arrebois
 Pra te dizer gentil
 Bem-vinda
 Deixa eu cantar tua beleza
 Tu és a mais linda princesa
 Aqui deste covil

Phillip Morris - Trabalha com
 tudo aquilo dá câncer

Ai, quem me dera ser doutor
 Formado em Salvador
 Ter um diploma, anel
 E voz de bacharel
 Fazer em teu louvor
 Discursos a granel
 Pra te dizer gentil
 Bem-vinda
 Tu és a dama mais formosa
 E, ousado dizer, a mais gostosa
 Aqui deste covil

Johnnie Walker - Trabalha com
 bebidas alcoólicas

Ai, quem me dera ser garçom
 Ter um sapato bom
 Quem sabe até talvez
 Ser um garçom francês
 Falar de champinhom
 Falar de molho inglês
 Pra te dizer gentil
 Bem-vinda
 És tão graciosa e tão miúda
 Tu és a dama mais tesuda
 Aqui deste covil

Ben "Big Ben O Homem
 Relógio" - Trabalha com
 relógios

Ai, quem me dera ser Gardel
 Tenor e bacharel
 Francês e rouxinol

Doutor em champinhom
 Garçom em Salvador
 E locutor de futebol
 Pra te dizer febril
 Bem-vinda
 Tua beleza é quase um crime
 Tu és a bunda mais sublime
 Aqui deste covil

5. "Desafio do Malandro"

*- Você tá pensando que é da
 alta sociedade
 Ou vai montar exposição de
 souvenir de gringo
 Ou foi fazer a fé no bingo em
 chá de caridade
 Eu não sei não, eu não sei não
 Só sei que você vem com five
 o'clock, very well, my friend
 A corriola leva um choque, nego
 não entende
 E deita e rola e sai comentando
 Que grande malandro é você
 (Chaves)*

*- Você tá fazendo piada ou vai
 querer que eu chore
 A sua estampa eu já conheço
 do museu do império
 Ou mausoléu de cemitério, ou
 feira de folclore
 Eu não sei não, eu não sei não
 Só sei que você vem com reco-
 reco, berimbau, farofa
 A corriola tem um treco, nego
 faz galhofa
 E deita e rola e sai comentando
 Que grande malandro é você
 (Max)*

*- Você que era um sujeito tipo
 jovial
 Agora até mudou de nome
 (Chaves)*

*- Você infelizmente continua
 igual
 Fala bonito e passa fome (Max)*

- *Vai ver que ainda vai virar trabalhador (Chaves)*

Que horror (Coro)

- *Trabalho a minha nega e morro de calor (Max)*

- *Falta malandro se casar e ser avô (Chaves)*

- *Você não sabe nem o que é o amor
Malandro infeliz (Max)*

- *Amor igual ao seu, malandro tem quarenta e não diz (Chaves)*

- *Respeite uma mulher que é boa e me sustenta (Max)*

- *Ela já foi aposentada (Chaves)*

- *Ela me alisa e me alimenta (Max)*

- *A bolsa dela tá furada (Chaves)*

- *E a sua mãe tá na rua (Max)*

- *Se você nunca teve mãe, eu não posso falar da sua (Chaves)*

- *Eu não vou sujar a navalha nem sair no tapa (Max)*

- *É mais sutil sumir da Lapa (Chaves)*

- *Eu não jogo a toalha (Max)*

- *Onde é que acaba essa batalha? (Chaves)*

- *Em fundo de caçapa (Max)*

- *Eu não sei não, eu não sei não*

Só sei que você perde a compostura quando eu pego o taco

A corriola não segura, nego coça o saco

E deita e rola e sai comentando que grande malandro é você (Dueto)

6. "O Casamento dos Pequenos Burgueses"

Ele faz o noivo correto

E ela faz que quase desmaia

Vão viver sob o mesmo teto

Até que a casa caia

Até que a casa caia

Ele é o empregado discreto

E ela engoma o seu colarinho

Vão viver sob o mesmo teto

Até explodir o ninho

Até explodir o ninho

Ele faz o macho irrequieto

E ela faz crianças de monte

Vão viver sob o mesmo teto

Até secar a fonte

Até secar a fonte

Ele é o funcionário completo

E ela aprende a fazer suspiros

Vão viver sob o mesmo teto

Até trocarem tiros

Até trocarem tiros

E ele tem um caso secreto

E ela diz que não sai dos trilhos

Vão viver sob o mesmo teto

Até casarem os filhos

Até casarem os filhos

Ele fala em cianureto

E ela sonha com formicida

Vão viver sob o mesmo teto

Até que alguém decida

Até que alguém decida

Ele tem um velho projeto

Ela tem um monte de estrias

Vão viver sob o mesmo teto

Até o fim dos dias

Até o fim dos dias

Ele às vezes cede um afeto
 Ela só se despe no escuro
 Vão viver sob o mesmo teto
 Até um breve futuro
 Até um breve futuro
 Ela esquenta a papa do neto
 E ele quase que fez fortuna
 Vão viver sob o mesmo teto
 Até que a morte os una
 Até que a morte os una
 Até que a morte os una
 Até que a morte os una

7. "Teresinha"

O primeiro me chegou
 Como quem vem do florista
 Trouxe um bicho de pelúcia
 Trouxe um broche de ametista
 Me contou suas viagens
 E as vantagens que ele tinha
 Me mostrou o seu relógio
 Me chamava de rainha
 Me encontrou tão desarmada
 Que tocou meu coração
 Mas não me negava nada

8. "Uma canção desnaturada"

Por que crescestes, curuminha
 Assim depressa e estabanada
 Saíste maquiada
 Dentro do meu vestido
 Se fosse permitido
 Eu revertia o tempo
 Para reviver a tempo
 De poder
 Te ver as pernas bambas,
 curuminha
 Batendo com a moleira
 Te emporcalhando inteira
 E eu te negar meu colo
 Recuperar as noites, curuminha
 Que atravessasse em claro
 Ignorar teu choro
 E só cuidar de mim
 Deixar-te arder em febre,
 curuminha

E, assustada, eu disse "não"
 O segundo me chegou
 Como quem chega do bar
 Trouxe um litro de aguardente
 Tão amarga de tragar
 Indagou o meu passado
 E cheirou minha comida
 Vasculhou minha gaveta
 Me chamava de perdida
 Me encontrou tão desarmada
 Que arranhou meu coração
 Mas não me entregava nada
 E, assustada, eu disse "não"
 O terceiro me chegou
 Como quem chega do nada
 Ele não me trouxe nada
 Também nada perguntou
 Mal sei como ele se chama
 Mas entendo o que ele quer
 Se deitou na minha cama
 E me chama de mulher
 Foi chegando sorrateiro
 E antes que eu dissesse "não"
 Se instalou feito um posseiro
 Dentro do meu coração

Cinquenta graus, tossir, bater o
 queixo
 Vestir-te com desleixo
 Tratar uma ama-seca
 Quebrar tua boneca, curuminha
 Raspar os teus cabelos
 E ir te exibindo pelos
 Botequins
 Tornar azeite o leite
 Do peito que mirraste
 No chão que engatinhaste
 Salpicar mil cacos de vidro
 Pelo cordão perdido
 Te recolher pra sempre
 À escuridão do ventre,
 curuminha
 De onde não deverias
 Nunca ter saído

9. "Somos as Muchachas de Copacabana"

Se o cliente quer rumbeira, tem
Com tempero da baiana
O que é que a baiana tem?
A baiana eu não sei não mas a
gente tem.

Somos Las Muchachas de
Copacabana
Somos Las Muchachas de
Copacabana

Cubanita brasileira tem
Com sombreiro à mexicana aiai
aiai

Somos Las Muchachas de
Copacabana
Somos Las Muchachas de
Copacabana

Mamãe, desculpa meu erro de
caligrafia
Lembrança da filha
Que brilha aqui na capital
É uma estrela internacional
Tua filha na capital
É uma estrela internacional

O gringo tem
Um domingo com a havaiana
Somos Las Muchachas de
Copacabana
Somos Las Muchachas de
Copacabana

Se quer uma pecadora, tem
Uma loura muçulmana
Somos Las Muchachas de
Copacabana
Somos Las Muchachas de
Copacabana

Mamãe, pro mês eu lhe mando
umas economias
Lembrança da filha
Que brilha aqui na capital
É uma estrela internacional
Tua filha na capital
É uma estrela internacional

Atração da Martinica, tem

Uma chica sergipana
Paraguaia da Jamaica, tem
Balalaica peruana
Corcovado em Mar del Plata,
tem
Catarata de banana
Índia canibal, na certa, tem
E é oferta da semana
Somos Las Muchachas de
Copacabana
Somos Las Muchachas de
Copacabana

Atração da Martinica, tem
Uma chica sergipana
Paraguaia da Jamaica, tem
Balalaica peruana
Corcovado em Mar del Plata,
tem
Catarata de banana
Índia canibal, na certa, tem
E é oferta da semana
Somos Las Muchachas de
Copacabana
Somos Las Muchachas de
Copacabana

10. “Homenagem ao malandro”

Eu fui fazer um samba em
homenagem
À nata da malandragem
Que conheço de outros
carnavais
Eu fui à Lapa e perdi a viagem
Que aquela tal malandragem
Não existe mais

Diálogo

Eu fui fazer um samba em
homenagem
À nata da malandragem
Que conheço de outros
carnavais
Eu fui à Lapa e perdi a viagem
Que aquela tal malandragem
Não existe mais - coro

Agora já não é normal
 O que dá de malandro regular,
 profissional
 Malandro com aparato de
 malandro oficial
 Malandro candidato a malandro
 federal
 Malandro com retrato na coluna
 social
 Malandro com contrato, com
 gravata e capital
 Que nunca se dá mal

Mas o malandro pra valer
 - Não espalha
 Aposentou a navalha
 Tem mulher e filho e tralha e tal
 Dizem as más línguas que ele
 até trabalha
 Mora lá longe e chacoalha
 Num trem da Central

11. "Folhetim"

Se acaso me quiseses
 Sou dessas mulheres
 Que só dizem sim
 Por uma coisa à toa, uma
 noitada boa
 Um cinema, um botequim
 E se tiveres renda
 Aceito uma prenda
 Qualquer coisa assim
 Como uma pedra falsa, um
 Sonho de Valsa
 Ou um corte de cetim
 E eu te farei as vontades
 Direi meias verdades sempre à
 meia-luz
 E te farei vaidoso, supor
 Que és o maior e que me
 possuis
 Mas na manhã seguinte
 Não conta até vinte
 Te afasta de mim
 Pois já não vales nada, és
 página virada
 Descartada do meu folhetim
 Lá lá lá lá Lá lá lá lá...

Lá lá lá lá Lá lá lá lá...

12. "Ai, Se Eles Me Pegam Agora"

Ai, se mamãe me pega agora
 de anágua e de combinação
 Será que ela me leva embora
 ou não
 Será que vai ficar sentida, será
 que vai me dar razão
 Chorar sua vida vivida em vão
 Será que faz mil caras feias,
 será que vai passar carão
 Será que calça as minhas meias
 e sai deslizando pelo salão
 Eu quero que mamãe me veja
 pintando a boca em coração
 Será que vai morrer de inveja
 ou não
 Ai, se papai me pega agora
 abrindo o último botão
 Será que ele me leva embora
 ou não
 Será que fica enfurecido será
 que vai me dar razão
 Chorar o seu tempo vivido em
 vão
 Será que ele me trata à tapa e
 me sapeca um pescoço
 Ou abre um cabaré na lapa e aí
 me contrata como atração
 Será que me põe de castigo
 será que ele me estende a mão
 Será que o pai dança comigo ou
 não?
 Será que me põe de castigo
 será que ele me estende a mão
 Será que o pai dança comigo ou
 não?
 Será que o pai dança comigo ou
 não?
 Será que o pai dança comigo ou
 não?

13. "Hino da Repressão"

Se atiras mendigos no imundo
 xadrez

Com teus inimigos, e amigos,
talvez
A lei tem motivos pra te confinar
Nas grades do teu próprio lar!
Se no teu distrito tem farta
sessão
De afogamento, chicote, garrote
e punção
A lei tem caprichos, o que hoje
é banal
Um dia vai dar no jornal!
E se definitivamente a
sociedade
Só te tem desprezo e horror
E mesmo nas galeras és nocivo
És um estorvo, és um tumor
Que Deus te proteja, és preso
comum
Na cela faltava esse um!

14. "O meu amor"

O meu amor tem um jeito
manso que é só seu
E que me deixa louca quando
me beija a boca
A minha pele toda fica arrepiada
E me beija com calma e fundo
Até minh'alma se sentir beijada

O meu amor tem um jeito
manso que é só seu
Que rouba os meus sentidos,
viola os meus ouvidos
Com tantos segredos lindos e
indecentes
Depois brinca comigo, ri do meu
umbigo
E me crava os dentes

Eu sou sua menina, viu? E ele é
o meu rapaz
Meu corpo é testemunha do
bem que ele me faz

O meu amor tem um jeito
manso que é só seu
Que me deixa maluca, quando
me roça a nuca

E quase me machuca com a
barba mal feita
E de pousar as coxas entre as
minhas coxas
Quando ele se deita

O meu amor tem um jeito
manso que é só seu
De me fazer rodeios, de me
beijar os seios
Me beijar o ventre e me deixar
em brasa
Desfruta do meu corpo como se
o meu corpo
Fosse a sua casa

Eu sou sua menina, viu? E ele é
o meu rapaz
Meu corpo é testemunha do
bem que ele me faz
Eu sou sua menina, viu? E ele é
o meu rapaz
Meu corpo é testemunha do
bem que ele me faz

15. "Palavra de Mulher"

Vou voltar
Haja o que houver, eu vou voltar
Já te deixei jurando nunca mais
olhar para trás
Palavra de mulher, eu vou voltar
Posso até
Sair de bar em bar em bar em
bar, falar besteira
E me enganar
Com qualquer um deitar
A noite inteira
Eu vou te amar
Vou chegar
A qualquer hora ao meu lugar
E se uma outra pretendia um
dia te roubar
Dispensa essa vadia
Eu vou voltar
Vou subir
A nossa escada, a escada, a
escada, a escada
Meu amor eu, vou partir

De novo e sempre, feito viciada
 Eu vou voltar
 Pode ser
 Que a nossa história
 Seja mais uma quimera
 E pode o nosso teto, a Lapa, o
 Rio desabar
 Pode ser
 Que passe o nosso tempo
 Como qualquer primavera
 Espera
 Me espera
 Eu vou voltar

16. “Geni e o Zepelim”

De tudo que é nego torto
 Do mangue e do cais do porto
 Ela já foi namorada
 O seu corpo é dos errantes
 Dos cegos, dos retirantes
 É de quem não tem mais nada

Foi assim desde menina
 Das lésbicas concubinas
 Dos pederastas da máfia
 É a rainha dos detentos
 Das loucas, dos lazarentos
 Dos moleques do internato

E também vai amiúde
 Com os velhinhos sem saúde
 E as viúvas sem porvir
 Ela é um poço de bondade
 E é por isso que a cidade
 Vive sempre a repetir

Joga pedra na Geni!
 Joga pedra na Geni!
 Ela é feita pra apanhar!
 Ela é boa de cuspir!
 Ela dá pra qualquer um!
 Maldita Geni!

Um dia surgiu, brilhante
 Entre as nuvens, flutuante
 Um enorme zepelim
 Pairou sobre os edifícios
 Abriu dois mil orifícios

Com dois mil canhões assim

A cidade apavorada
 Se quedou paralisada
 Pronta pra virar geleia
 Mas do zepelim gigante
 Desceu o seu comandante
 Dizendo: Mudei de ideia!

Quando vi nesta cidade
 Tanto horror e iniquidade
 Resolvi tudo explodir
 Mas posso evitar o drama
 Se aquela formosa dama
 Esta noite me servir

Essa dama era Geni!
 Mas não pode ser Geni!
 Ela é feita pra apanhar
 Ela é boa de cuspir
 Ela dá pra qualquer um
 Maldita Geni!

Mas de fato, logo ela
 Tão coitada e tão singela
 Cativara o forasteiro
 O guerreiro tão vistoso
 Tão temido e poderoso
 Era dela, prisioneiro

Acontece que a donzela
 (E isso era segredo dela)
 Também tinha seus caprichos
 E ao deitar com homem tão
 nobre
 Tão cheirando a brilho e a cobre
 Preferia amar com os bichos

Ao ouvir tal heresia
 A cidade em romaria
 Foi beijar a sua mão
 O prefeito de joelhos
 O bispo de olhos vermelhos
 E o banqueiro com um milhão

Vai com ele, vai, Geni!
 Vai com ele, vai, Geni!
 Você pode nos salvar
 Você vai nos redimir

Você dá pra qualquer um
Bendita Geni!

Foram tantos os pedidos
Tão sinceros, tão sentidos
Que ela dominou seu asco
Nessa noite lancinante
Entregou-se a tal amante
Como quem dá-se ao carrasco

Ele fez tanta sujeira
Lambuzou-se a noite inteira
Até ficar saciado
E nem bem amanhecia
Partiu numa nuvem fria
Com seu zepelim prateado

Num suspiro aliviado
Ela se virou de lado

17. “Pedaço de Mim”

Oh, pedaço de mim
Oh, metade afastada de mim
Leva o teu olhar
Que a saudade é o pior
tormento
É pior do que o esquecimento
É pior do que se entrevar

Oh, pedaço de mim
Oh, metade exilada de mim
Leva os teus sinais
Que a saudade dói como um
barco
Que aos poucos descreve um
arco
E evita atracar no cais

Oh, pedaço de mim
Oh, metade arrancada de mim
Leva o vulto teu
Que a saudade é o revés de um
parto
A saudade é arrumar o quarto
Do filho que já morreu

Oh, pedaço de mim
Oh, metade amputada de mim

E tentou até sorrir
Mas logo raiou o dia
E a cidade em cantoria
Não deixou ela dormir

Joga pedra na Geni!
Joga bosta na Geni!
Ela é feita pra apanhar!
Ela é boa de cuspir!
Ela dá pra qualquer um!
Maldita!

Joga pedra na Geni!
Joga bosta na Geni!
Ela é feita pra apanhar!
Ela é boa de cuspir!
Ela dá pra qualquer um!
Maldita Geni!

Leva o que há de ti
Que a saudade dói latejada
É assim como uma fígada
No membro que já perdi

Oh, pedaço de mim
Oh, metade adorada de mim
Lava os olhos meus
Que a saudade é o pior castigo
E eu não quero levar comigo
A mortalha do amor
Adeus

18. “Ópera”

[João alegre]
Telegrama
Do Alabama
Pro senhor
Max overseas
Ai, meu Deus do céu
Me sinto tão feliz
[Teresinha]
Chegou a confirmação
Da united coisa e tal
Que nos passa a concessão
Para o náilon tropical
[Max]
Então nós vamos montar

Em São Paulo um fabricão
 [Teresinha]
 Depois vamos exportar
 Fio de náilon pro Japão
 [Max]
 Sei que o náilon tem valor
 Mas começa a me enjoar
 Tive ideia bem melhor
 Nós vamos ramificar
 [Teresinha]
 Já ramifiquei, ha ha
 Fiz acordo com a shell
 Coca-cola, rca
 E vai ser sopa no mel
 Que beleza
 Que riqueza
 Tá chovendo
 Da matriz
 Ai, meu Deus do céu
 Me sinto tão feliz
 [Max] que tal juntarmos
 Esses capitais
 Abrindo um banco
 Em Minas Gerais
 [Teresinha]
 Que brilhante ideia, meu amor
 Que plano original
 Com fundos no exterior
 Você fundar
 Um banco nacional
 [Capangas]
 E eu que já fui
 De max um pobre marginal
 Sem documento
 E sem moral
 Hei de ser um bom profissional
 Vou ser quase um doutor
 Contínuo da senhora
 E do senhor
 Bancário ou contador
 Que sucesso
 O progresso
 Corta o mal
 Pela raiz
 Ai, meu Deus do céu
 Me sinto tão feliz
 [Chaves]
 Irmão
 Nem começar eu sei

Receio te inibir
 [Max]
 Tua vontade é lei
 É falar
 É mandar
 É exigir
 [Chaves]
 É que
 Num mundo tão cruel
 Cheio de inveja e fel
 Não lhe fará mal
 Ter à mão
 Proteção
 Policial
 Quer os meus préstimos?
 [Max]
 Eu acho ótimo
 [Barrabás]
 Serve um acólito?
 (Auxiliar de chaves)
 [Max]
 Também vou te empregar
 [Lúcia]
 Eu não
 Tenho com quem deixar
 Meu filho que já vem
 [Max]
 Barrabás é um par
 Exemplar
 Quer casar
 [Barrabás]
 E adoro neném
 Maravilha
 Que família
 Dois pombinhos
 E um petiz
 Ai, meu Deus do céu
 Me sinto tão feliz
 [Vitória]
 Só tenho um único
 Breve reparo
 A tão preclaro
 Genro viril
 É o esquecimento
 Do sacramento
 Afinal
 Se casou
 Só no civil
 Oh oh oh

Oh oh oh
 Só no civil
 Oh oh oh
 Oh oh oh
 Só no civil
 [Max]
 Mas nesse íterim
 Mudei de crença
 Já peço a bênção
 No santo altar
 [Vitória]
 Que maravilha
 Não perco a filha
 E um varão
 Bonitão
 Eu vou ganhar
 Ah ah ah
 Ah ah ah
 Eu vou ganhar
 Ah ah ah
 Ah ah ah
 Eu vou ganhar
 [Duran]
 Minha filha eu desejo pedir teu
 perdão
 [Teresinha]
 Oh, meu pai, isso é bom
 demais!
 Finalmente! Até que enfim!
 [Duran]
 Não sei como fui pra você tão
 durão
 Tão mandão, tão sem coração
 Tão malvado assim
 [Max]
 Meu sogro, o senhor não sabe
 Quanta alegria
 Me dá, ao dizer que já se juntou
 Aos nossos
 [Duran]
 Só Deus sabe há quanto tempo
 Eu tanto queria
 Poder apertar esses ossos
 Que alegria
 Quem diria
 Como os grandes
 São gentis
 Ai, meu Deus do céu
 Me sinto tão feliz

[Duran]
 Não quero ser
 Nas suas costas um fardo
 Porém, talvez
 Eu necessite um resguardo
 [Max]
 Tua instituição
 Tão tradicional
 Vai ter um padrão
 Moderno
 Cristão e ocidental
 [Funcionárias]
 Vamos participar
 Dessa evolução
 Vamos todas entrar
 Na linha de produção
 Vamos abandonar
 O sexo artesanal
 Vamos todas amar
 Em escala industrial
 [Todos]
 O Sol nasceu
 No mar de Copacabana
 Pra quem viveu
 Só de café e banana
 Tem gilete, kibon
 Lanchonete, neon
 Petróleo
 Cinemascope, sapólio
 Ban-lon
 Shampoo, tevê
 Cigarros longos e finos
 Blindex fumê
 Já tem napalm e kolinos
 Tem cassete e ray-ban
 Camionete e sedan
 Que sonho
 Corcel, Brasília, plutônio
 Shazam
 Que orgia
 Que energia
 Reina a paz
 No meu país
 Ai, meu Deus do céu
 Me sinto tão feliz

19. “O Malandro 2”

O malandro tá na greta

Na sarjeta do país
E quem passa acha graça
Na desgraça do infeliz
O malandro tá de coma
Hematoma no nariz
E rasgando sua bunda
Uma funda cicatriz
O seu rosto tem mais mosca
Que a birosca do Mané
O malandro é um presunto
De pé junto e com chulé
O coitado foi encontrado
Mais furado que Jesus

E do estranho abdômen
Desse homem jorra pus
O seu peito putrefeito
Tá com jeito de pirão
O seu sangue forma lagos
E os seus cacos estão no chão
O cadáver do indigente
É evidente que morreu
E no entanto ele se move
Como prova o Galileu
E no entanto ele se move
Como prova o Galileu